

MANIFESTAÇÕES MS
CULTURAIS E RELIGIOSAS DE

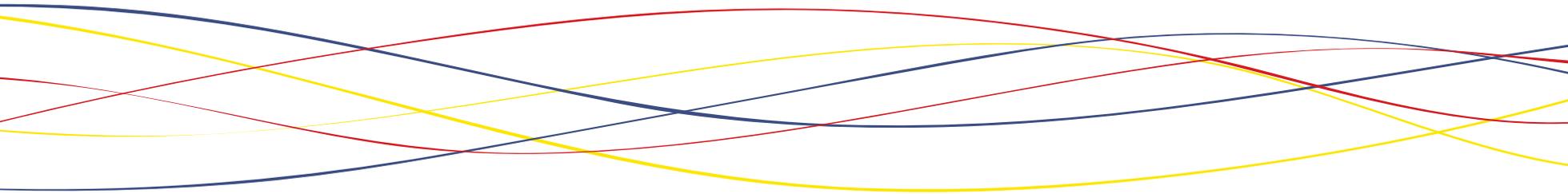


Governador do Estado de Mato Grosso do Sul
ANDRÉ PUCCINELLI

Vice-governadora
SIMONE TEBET

Presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul
AMÉRICO CALHEIROS

Diretor-geral
JOSÉ ALBERTO FURLAN



Gerência de Patrimônio Histórico e Cultural / FCMS

Gerente
IOLETE MOREIRA

Professora
ÂNGELA MARIA SILVA

Gestor de Artes e Cultura - História
CARLOS ALBERTO DA SILVA VERSOZA

Gestora de Artes e Cultura
CRISTINA DALVA OURIVES MACIEL DE MOURA

Especialista em educação
MARIA CHRISTINA DE LIMA FÉLIX SANTOS

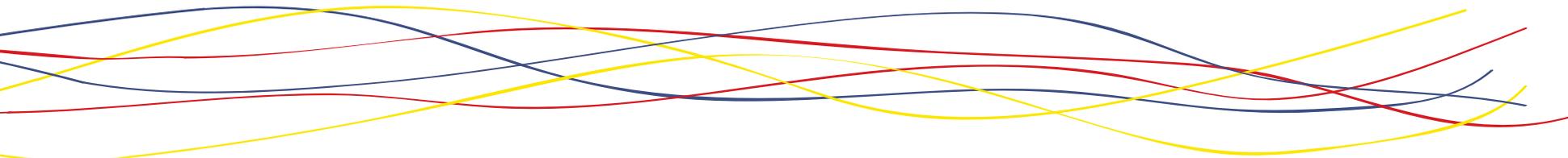
Gestora de atividades culturais - Letras
MELLY FÁTIMA GÓES SENA

Assistente de atividades culturais
TAMARA DENISE SOARES BARBOSA

Assistente de atividades culturais
TATIANE ANTONIA ROBALDO GUIMARÃES

MANIFESTAÇÕES MS

CULTURAIS E RELIGIOSAS DE



Conselho editorial

AMÉRICO CALHEIROS, MARIA CHRISTINA FÉLIX,
NEUSA NARICO ARASHIRO E LU TANNO

Argumento

AMÉRICO CALHEIROS

Textos / Roteiros

DENISE DAL FARRA

Pesquisa, produção e direção

LU TANNO

Ilustrações

PRISCILLA PESSOA

Fotografias

FUMAÇA

GABRIEL SANTOS

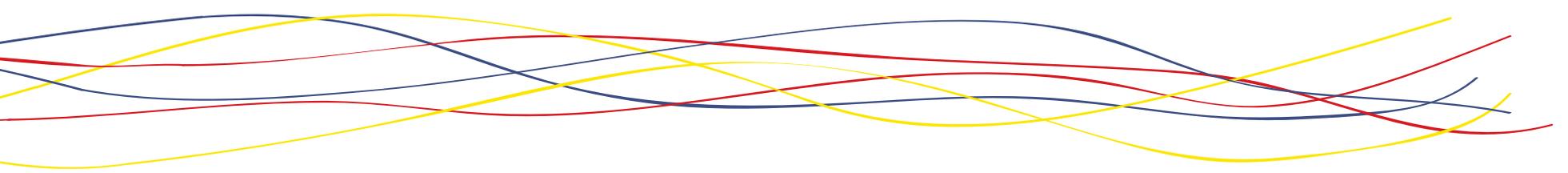
MARCELO ALVES SHERIFFE

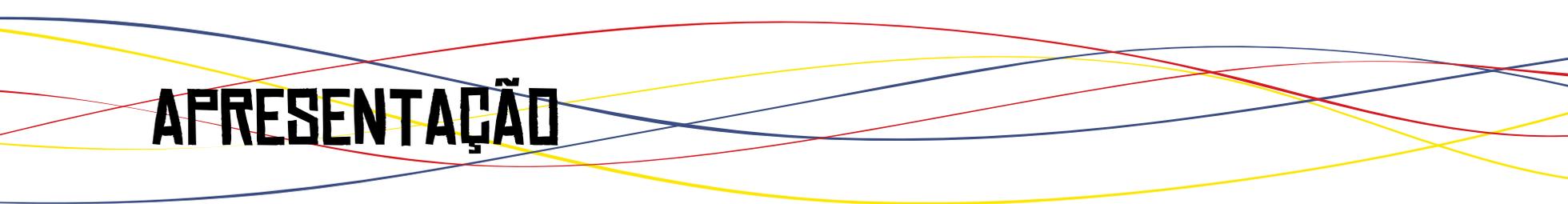
Agradecimentos

- Folia de Reis em Bodoquena:
Edmilton de Assis, festeiro
- Festa do Divino em Coxim:
Padre Micael Andrejzwski, monsenhor da Catedral São José
- Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Bataguassu:
Wilson Cruz, memorialista
- Festa de Nossa Senhora de Caacupé em Ponta Porã e Porto Murtinho:
Julio Cesar Alvarez, sociólogo
Luiz Carlos Gauna, festeiro
Braz Leon, historiador
- Festa de São Patrício em Bela Vista:
Djalma Loubet, jornalista
- Missa dos Cavaleiros em Anaurilândia:
Padre Julio Soster

Apoio Cultural

- Folia de Reis em Bodoquena:
PREF. MUNICIPAL DE BODOQUENA - MS / DEPTO. DE CULTURA
- Festa de São Sebastião em Campo Grande:
COMUNIDADE CATÓLICA DE SÃO SEBASTIÃO EM CAMPO GRANDE - MS
- Festa de São Sebastião em Aparecida do Taboado:
PREF. MUNICIPAL DE APARECIDA DO TABOADO - MS / DEPTO. DE CULTURA
- Festa de São Paulo Apóstolo em Ivinhema:
PREF. MUNICIPAL DE IVINHEMA - MS / DEPTO. DE CULTURA
- Festa do Divino em Coxim:
DIOCESE DE COXIM - MS
- Terço em honra a São João Batista e São Pedro em Campo Grande:
ASSOCIAÇÃO FAMILIAR DA COMUNIDADE NEGRA SÃO JOÃO BATISTA DE CAMPO GRANDE - MS
- Banho de São João em Corumbá:
PREF. MUNICIPAL DE CORUMBÁ -MS / SUPERINTENDÊNCIA DE CULTURA
- Festa de Nossa Senhora do Carmo em Coimbra:
COMANDO MILITAR DO OESTE E 3ª COMPANHIA DE FRONTEIRA E FORTE COIMBRA, CORUMBÁ - MS

- 
- Festa de São Cristóvão em Dourados:
COMUNIDADE CATÓLICA DE SÃO CRISTÓVÃO DOURADOS - MS
 - Festa do Santo Fujão em Costa Rica:
PREF. MUNICIPAL DE COSTA RICA - MS / DEPTO. DE CULTURA
 - Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Bataguassu:
PREF. MUNICIPAL DE BATAGUASSU - MS / DEPTO. DE CULTURA
POLÍCIA MILITAR AMBIENTAL DE PRESIDENTE EPITÁCIO - SP
 - Bon Odori em Campo Grande:
ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA E CULTURAL NIPO-BRASILEIRA DE CAMPO GRANDE - MS
 - Festa de Nossa dos Remédios em Ladário:
PREF. MUNICIPAL DE LADÁRIO - MS / DEPTO. DE CULTURA
 - Festa de Nossa Senhora de Caacupé em Ponta Porã e Porto Murtinho:
PREF. MUNICIPAL DE PONTA PORÃ - MS / DEPTO. DE CULTURA
PREF. MUNICIPAL DE PORTO MURTINHO - MS / DEPTO. DE CULTURA
 - Festa de São Patrício em Bela Vista:
PREF. MUNICIPAL DE BELA VISTA - MS / DEPTO. DE CULTURA
 - Missa dos Cavaleiros em Anaurilândia:
PREF. MUNICIPAL DE ANAURILÂNDIA - MS / DEPTO. DE CULTURA

The image features three overlapping, wavy lines in blue, red, and yellow that span horizontally across the middle of the page. The word "APRESENTAÇÃO" is centered over these lines.

APRESENTAÇÃO

Manifestações Culturais e Religiosas de MS

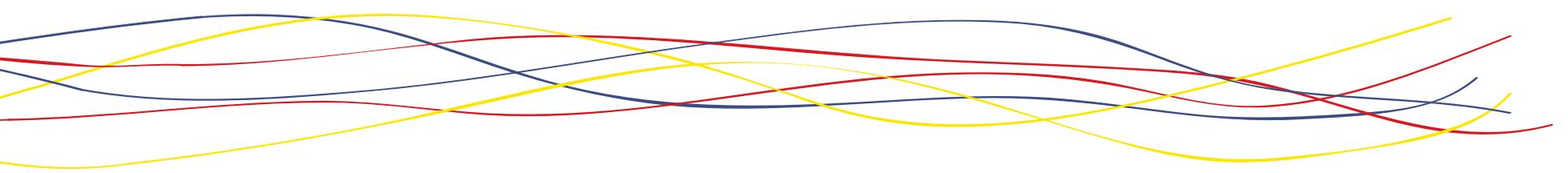
Sobre Albert Camus, mais especificamente, A Peste, os personagens da feia, neutra e sem alma cidade de Oran não refletem. Segundo o narrador, seus habitantes trabalham para enriquecer e a lógica capitalista predomina, engendrando a vida de seus cidadãos. Dedicados a criar hábitos, suas vidas e amores são submetidos à pressa, à rotina e ao instinto.

Ainda, revisitando Camus, uma proposta antropológica curiosa de leitura das cidades:

“Uma forma cômoda de se travar conhecimento com uma cidade é procurar saber como se trabalha, como se ama e como se morre” (A Peste).

Se a liberdade poética me permitisse, a este recorte, acrescentaria que outra maneira plausível de se conhecer uma cidade é perceber como se congregam e confraternizam seus indivíduos.

Questões fundamentais de fé estão ligadas ao modo de como vivemos e como pretendemos morrer, pois é no espaço da fé que respondemos às perguntas de onde viemos e como vamos. Também a crença em uma

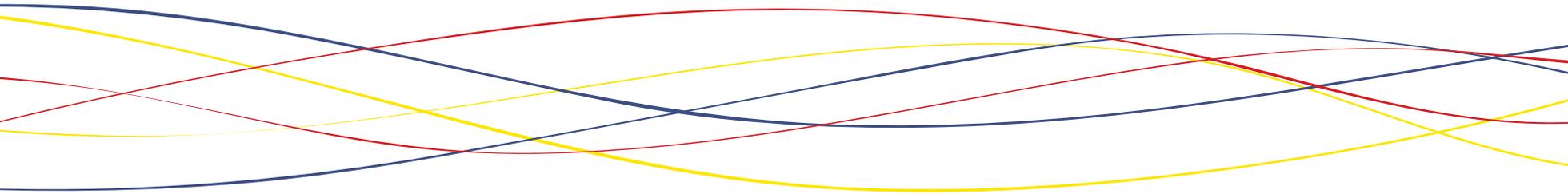


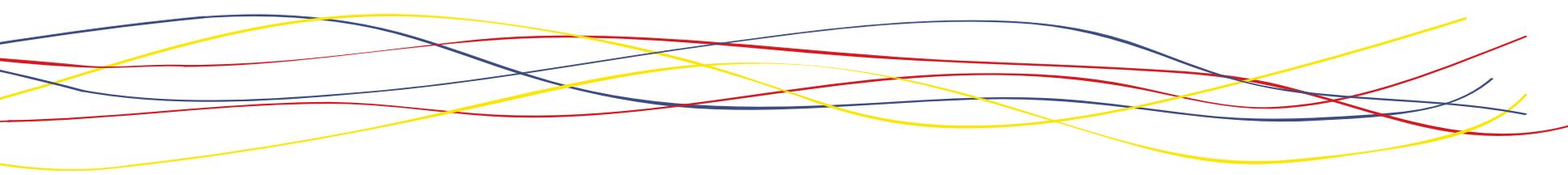
tradição proveniente de um passado imemorial ou em um mito fundacional de nossas identidades está nos domínios da fé. Já o amor, o amor é terra propícia para o entrelaçamento, é o nascimento e é a festa. A montagem de festas populares pressupõe um trabalho comunal em que os atores sociais são os protagonistas de rituais que se opõem ao seu cotidiano no palco da polis, mas que transmitem suas lembranças e reafirmam suas identidades.

Partindo deste princípio, as festas populares religiosas e folguedos folclóricos têm muito a dizer sobre as comunidades em que se realizam como local de pertencimento identitário, preservando aspectos de sua cultura, memória, sentimento, lugar e tradição.

E para aqueles que vivenciam sua representação de mundo, ou parte dela, por intermédio de imagens, sejam elas fotografia, cinema ou vídeo, o mapeamento das manifestações festivas religiosas e culturais de Mato Grosso do Sul, em uma série de documentários é uma forma de registro de nossa memória compartilhada no tempo.

Por Lu Tanno - produtora de TV



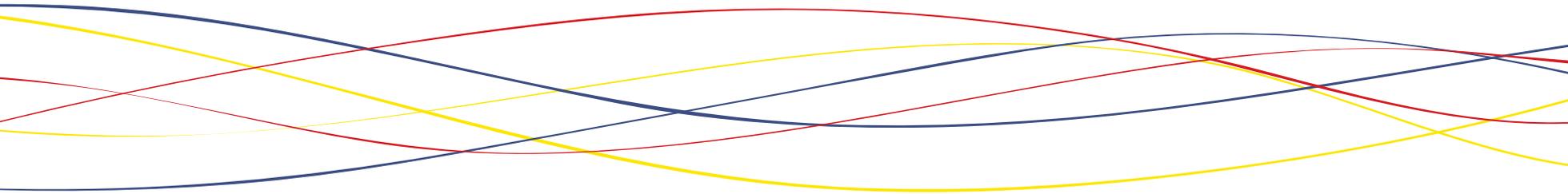


Memória, religiosidade e identidade permeiam o Projeto ManiFEstações Culturais e Religiosas de Mato Grosso do Sul, um mapeamento audiovisual de nosso Patrimônio Histórico Imaterial e da riqueza de nossa gente realizado pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul.

No palco, atores das comunidades em performances de tradição, resistência e fé protagonizam narrativas dos milagres afirmados e transmitidos pelo povo e reafirmam suas marcas identitárias, ressignificando geração a geração ritos de caráter religioso e manifestações de seu imaginário, próprios do espaço da cultura popular, como elementos constitutivos de sua identidade cultural e do sentimento de pertença ao lugar em que estão inseridos.

Américo Calheiros

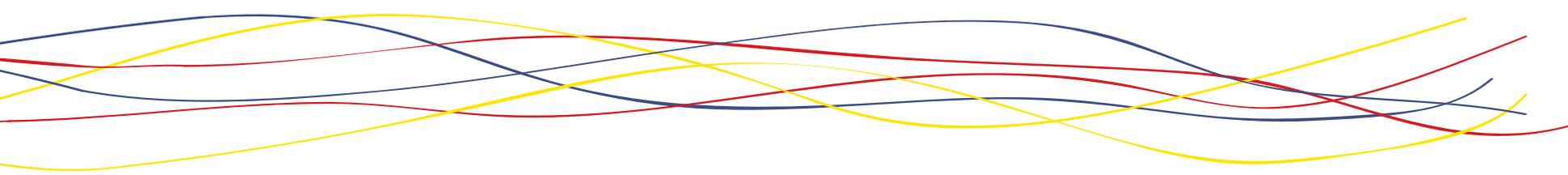
Presidente da Fundação de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul



Cada um de nós tem na memória uma cantiga, uma brincadeira, uma festa ou uma crença que nos foi repassada, em algum momento do pretérito, por nossos entes queridos de mais idade. Esses saberes são de fundamental importância em nossa formação cultural, por representarem toda uma bagagem de histórias de vida, com experiências boas ou ruins, enfim, diversas situações que por algum motivo se firmaram na lembrança e serão repassados às gerações descendentes.

Com a dinâmica da evolução humana, novos elementos são agregados a essa somatória de conhecimentos, enquanto outros vão se esvaindo com o tempo. Ainda hoje, em pleno século XXI, nossas manifestações religiosas e culturais mantêm cânticos, danças, rezas, costumes de outras regiões e épocas.

Por ser ainda tão jovial nosso Estado, com recém-completados 36 anos desde sua criação, em 11 de outubro de 1977, é vero que sua identidade esteja em processo contínuo de formação. Mato Grosso do Sul recebeu, e ainda recebe, gente de diversas origens, com o mesmo desejo: prosperar e aqui fincar suas raízes.

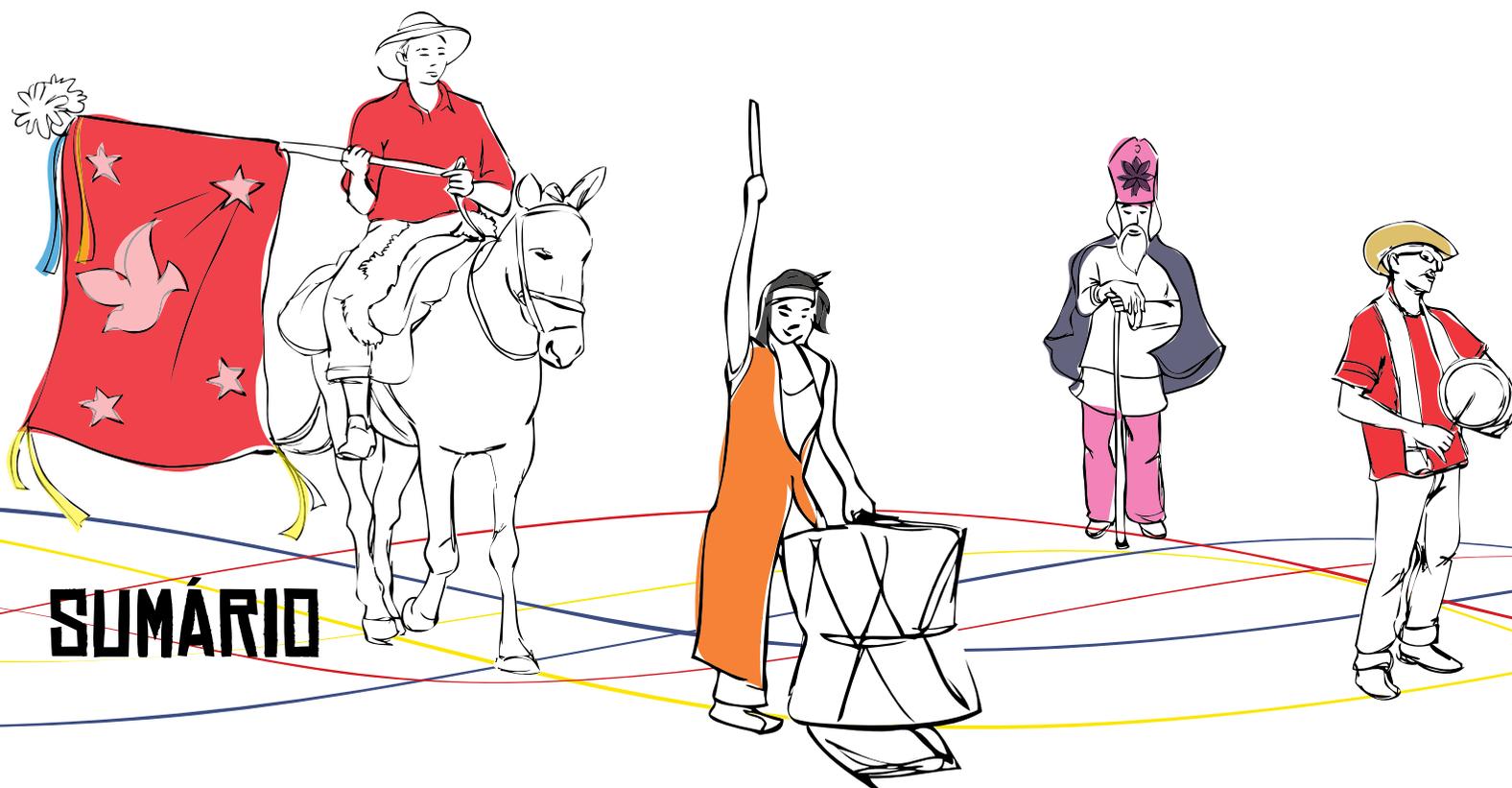


A esses pioneiros, oriundos de variadas paisagens, e também aos nativos, que após vivenciarem todo tipo de adversidade, mantiveram sua bagagem cultural, e aqui se estabeleceram, devemos o nosso apreço. Aos contemporâneos que também aqui se achegam, estendemos nossas boas-vindas.

Nossa pretensão, com este belo álbum com registros escritos, fotográficos e audiovisuais das mais expressivas manifestações religiosas e culturais de Mato Grosso do Sul, é reverenciar essas pessoas, que unidas por laços familiares ou fraternais, ou mesmo pelas mesmas crenças e ideais relacionadas às suas origens, vêm ao longo de séculos salvaguardando esses saberes seculares que moldam a singularidade do ser sul-mato-grossense.

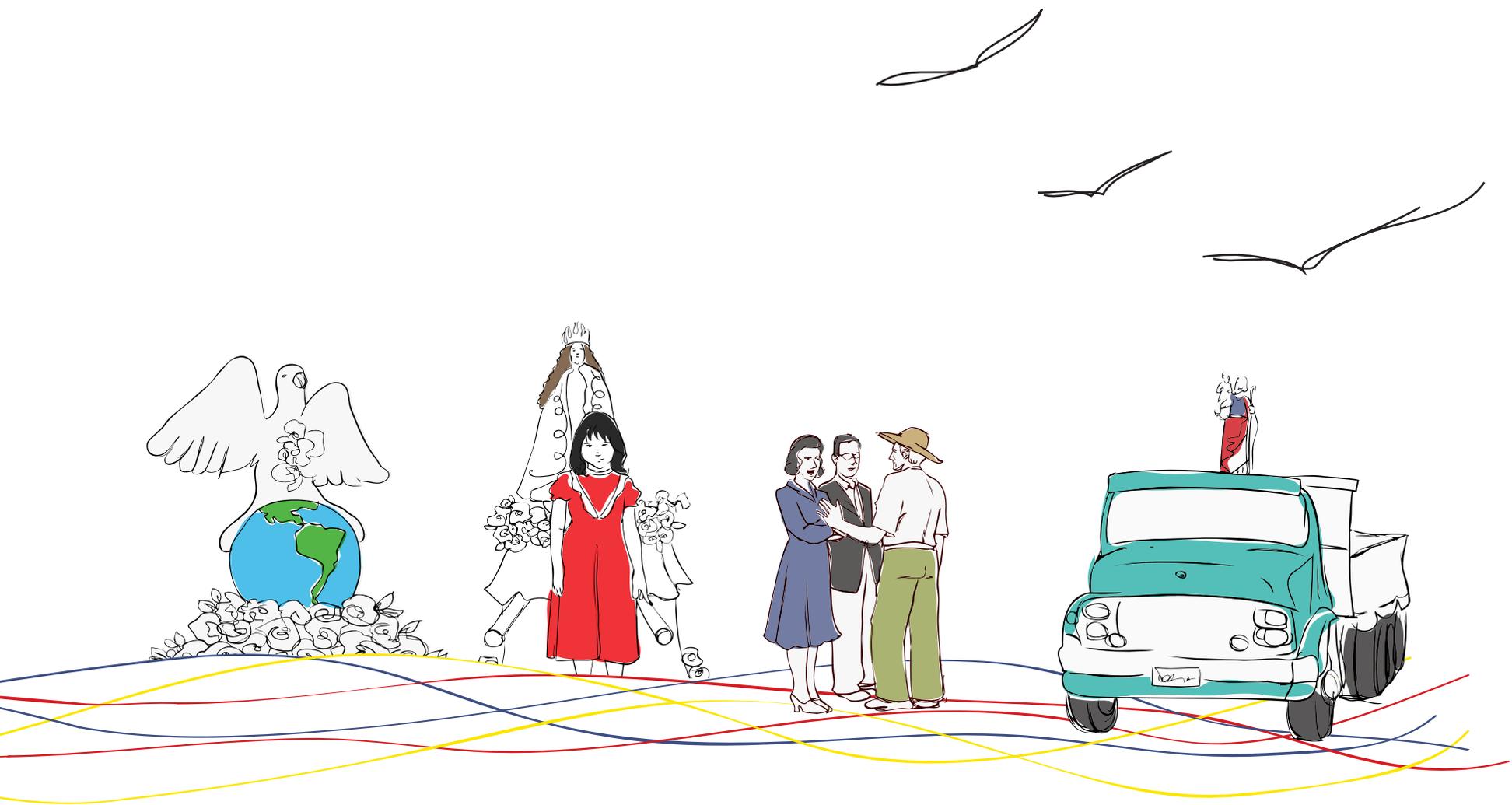
Esperamos que com isto as gerações vindouras possam se reconhecer nessas expressões e venerá-las com o devido valor.

André Puccinelli
Governador do Estado de Mato Grosso do Sul

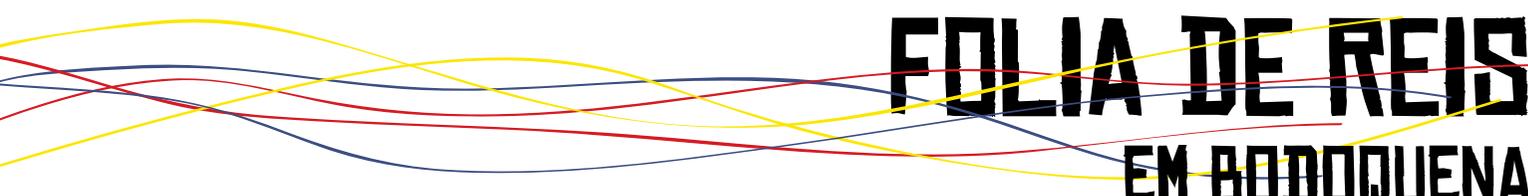


SUMÁRIO

FOLIA DE REIS EM BODOQUENA	14
FESTA DE SÃO SEBASTIÃO EM CAMPO GRANDE.....	20
FESTA DE SÃO SEBASTIÃO EM APARECIDA DO TABOADO	26
FESTA DE SÃO PAULO APÓSTOLO EM IVINHEMA	32
FESTA DE SÃO PATRÍCIO EM BELA VISTA	38
FESTA DO DIVINO EM COXIM.....	44
TERÇO EM HONRA A SÃO JOÃO BATISTA E SÃO PEDRO EM CAMPO GRANDE.....	50
BANHO DE SÃO JOÃO EM CORUMBÁ.....	56



MISSA DOS CAVALEIROS EM ANAURILÂNDIA	62
FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO EM COIMBRA.....	68
FESTA DE SÃO CRISTOVÃO EM DOURADOS	74
FESTA DO SANTO FUJÃO EM COSTA RICA.....	80
FESTA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES EM BATAGUASSU	86
FESTA DO BON ODORI EM CAMPO GRANDE	92
FESTA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS EM LADÁRIO.....	98
FESTA DE NOSSA SENHORA DE CAAGUPÉ EM PORTO MURTINHO E PONTA PORÃ	104



FOLIA DE REIS EM BOBOQUENA







Bodoquena de belas paisagens, cravada no rico ecossistema do Pantanal. Para chegar à colônia agrícola criada pelo governo do estado na década de 40 os pioneiros tinham que vencer 55 quilômetros de mata densa, morros e pântanos que separavam o lugarejo da cidade mais próxima, Miranda. O percurso ficou conhecido como Trilha dos Caminheiros da Fé e mais tarde o povoado ganharia o nome de Vila da Amizade.

Assim, Fé e Amizade foram dois sentimentos que anos depois moldariam um evento cultural-religioso que se tornou tradição em Bodoquena.

Os laços de cooperação e amizade – tão comuns nas comunidades rurais do Brasil – são construídos com despojamento e humildade. O apreço e o respeito entre compadres e comadres vão forjando as ligações entre famílias. No jeito simples dessa gente, o valor dos festejos está nas tradições e não na soberba.

É de origem portuguesa o auto popular contado pela Folia de Reis. Ele marca o fim do ciclo natalino, evocando a visita dos três Reis Magos ao menino Jesus.

No início da década de 60, Francisco Elesbão chegava a Bodoquena trazendo notícias dessa manifestação popular divulgada em Minas Gerais e que, a essa altura, já corria outros estados do Brasil. Depois da morte do seu Francisco, em 1979, coube ao genro comandar a Folia de Reis em Bodoquena. O seu Zeza até hoje é o tocador de flauta na festividade de cunho religioso...

Os preparativos da Folia de Reis em Bodoquena começam no dia 26 de dezembro. A saída dos foliões é festiva, embalada pelos sons de flautas, bumbos, pandeiros, chocalhos, triângulos, reco-recos e repiques. O grupo percorre casas, chácaras, fazendas e assentamentos de toda a região em busca das prendas – donativos guardados até o dia da festa.

Em cada lar se repetem as ladainhas, cantorias, danças e orações: homenagem aos donos da casa e seus familiares. O colorido também encanta a criançada. À frente do grupo segue o palhaço - é ele quem tem a missão de pedir as prendas e animar os anfitriões. Zela e protege a bandeira. É passando por debaixo dela que as pessoas pedem bênção e fazem pedidos. Também cabe ao palhaço cuidar de outra tradição: não cruzar a bandeira!

O mestre também faz parte da hierarquia da folia. Tem a função de agradecer as grandes doações cantando e também responde às perguntas da comunidade. O mestre conta que quando chega a uma casa e é indagado sobre a origem e destino dos visitantes, a resposta é: “do Oriente rumo a Belém”.



Ilton, o filho do seu Francisco, é o sobremestre da folia em Bodoquena. Músico profissional, ele tem por responsabilidade garantir o andamento tranquilo do grupo, que realiza o trajeto entre fazendas, o que exige a resolução de alguns problemas, já que pernoitam em casas e fazendas.

O grupo dos foliões é composto pelos músicos que animam a festa com seus instrumentos. Seu Moisés é um deles. Baiano com mais de 70 anos e uma vida dedicada ao serviço na lavoura, é casado com uma das netas do seu Francisco Elesbão, que trouxe a tradição da Folia de Reis para o povo de Bodoquena. Já são quase 50 anos de folia como flautista. Jordelino, irmão de Moisés, é o folião mais velho do grupo, é ele quem faz os instrumentos que animam a festa.

Seis de janeiro, chega o dia da festa!

A beira do fogo o puchero é preparado. A carne é espetada e a ação entre amigos envolve mais de 1.500 quilos de carnes, linguiças, carneiros e porcos. Tudo doado pelos fazendeiros. É uma grande confraternização para toda a comunidade.

Quilômetros dali, o grupo da Folia de Reis começa a se deslocar da casa de quem recebeu a bandeira. O ponto alto da festa é a passagem dos três arcos. As onze e meia da manhã o grupo da Folia de Reis chega ao local da festa, onde é celebrado o terço com cantorias e danças em frente ao altar.

Logo após a parte religiosa começam os festejos profanos da folia. É servido o churrasco - de graça - e depois do almoço, o caramanchão, feito pela comunidade, já está devidamente arrumado. E é embaixo dele que o baile começa, com guarânia, chamamé e vaneirão - os ritmos mais apreciados pelo povo das fazendas.

A festa vai noite adentro e os organizadores da Folia de Reis de Bodoquena dividem a mesma sensação de alegria ao ver o povo feliz. Contam que nessa hora o cansaço é grande, mas sempre gratificante. Quando os últimos convidados se rendem ao cansaço falta pouco pra um novo dia nascer.

Em tupi-guarani Bodoquena significa “nascente em cima da serra”. Essa pequena cidade de águas e cachoeiras cristalinas guarda mais do que a exuberante natureza sul-mato-grossense. Conserva a tradição e a fé de um povo amigo e hospitaleiro.

FESTA DE
SÃO SEBASTIÃO
EM CAMPO GRANDE





SANCTUS SEBASTIANUS



ROGAT PROS

Quando o mineiro José Antônio Pereira colocou os olhos sobre essas paisagens ficou admirado com a fertilidade do solo, as boas pastagens e a generosa oferta de água. O povoado de terra avermelhada era de extensas áreas verdes, chácaras e fazendas, que cercavam as poucas moradias da época. Foi em um cenário ainda bastante rural que, quase seis décadas depois, um fazendeiro deu início a uma festa que se tornou tradicional na região.

Seu nome era José Roberto Mendes. Na época uma grande peste assolou o gado da região e ele, com medo de perder seu rebanho, fez uma promessa a São Sebastião, já que era tão devoto dele: se seu gado não fosse atingido por esta epidemia, ele contruiria uma capela em honra de São Sebastião. Seu pedido foi atendido e a promessa cumprida.

A capela de São Sebastião, erguida no bairro Monte Carlo, é uma das poucas recordações que ainda permanecem entre as tantas mudanças que aconteceram na região. Onde hoje se veem prédios havia uma paisagem bem diferente. Campo Grande mudou muito. E os marcos da história de fé dessa comunidade foram mudando junto com a cidade. Unida pela devoção ao Santo - que foi oficial do exército de Roma e depois perseguido e morto por defender os cristãos - os moradores do bairro Monte Carlo acompanharam as transformações.

400 anos após sua morte, o corpo de São Sebastião foi abrigado na basílica construída pelo Imperador Constantino. No mesmo ano Roma venceu a peste que castigava seu território. Foi assim que São Sebastião adquiriu a fama entre os homens do campo - fazendeiros e trabalhadores que pedem sua proteção todos os anos.

Campo Grande se tornou capital de Mato Grosso do Sul. Mas na cidade grande a devoção a São Sebastião continuou atraindo milhares de fiéis. Em homenagem ao santo, chacareiros, fazendeiros e gente que lida com gado e com a roça frequentam a novena e prestigiam a programação cultural, sempre muito intensa e diversificada. E que evoluiu com o passar dos anos.

As festividades são abertas em uma alvorada, seguida pela missa e pelo terço dos homens.

A festa exige organização e muito trabalho dos fiéis, que se dividem em dois grupos: um irá cuidar da parte religiosa e o outro da parte cultural. Cada grupo é coordenado por um casal e todos os paroquianos se envolvem nos preparativos.

Cabe ao casal religioso organizar as novenas, a santa missa, a lista de convidados. O casal social prepara as festas. Serão 10 dias e noites de celebrações religiosas e culturais, que são temáticas e enaltecem os povos que ajudaram a formar a cidade. Eles ofertam flores e carregam bandeiras lembrando os países de origem das colônias.



Há barracas para alimentar a multidão que sempre prestigia a festa de São Sebastião. Tem carreatas pelas ruas da cidade e até mesmo uma cavalgada. Durante a carreata, a imagem do santo é levada pelo Corpo de Bombeiros. No percurso pelas ruas da cidade, vai chamando a atenção das pessoas. A cavalgada é outro momento marcante de fé. A distância de 17Km entre a igreja de São Sebastião e o Clube do Laço é vencida por jovens, idosos e crianças em suas montarias. A imagem do santo segue na carroça e os fogos chamam a atenção por onde a caravana passa. Na chegada ao Clube do Laço a imagem do santo é retirada e é rezada a missa. Depois, os festejos com churrasco, leilão e música atraem muita gente.

São momentos que renovam a fé da comunidade. Será assim do dia 11 ao dia 19, quando acontecem as novenas.

Carregada em um carrinho a imagem de São Sebastião entra na igreja. Sobre os fiéis é lançada uma chuva de papéis e a música enche de alegria o local e as pessoas.

Cada missa é temática. Há bênção aos devotos, às águas, às crianças, aos jovens e aos militares. Os trabalhadores, os enfermos e as famílias também são lembradas e cada grupo recebe as bênçãos na santa missa. E no dia 20, o dia de São Sebastião, haverá fogos e a grande missa.

As celebrações dos campograndenses em torno de São Sebastião se tornaram tradição na capital. Festejos que igualam os homens pela fé. E é em nome desse sentimento que, todos os anos, paroquianos e devotos dedicam parte de seu tempo para prosseguir com uma das mais antigas manifestações de fé do povo sul-mato-grossense.

FESTA DE
SÃO SEBASTIÃO
EM APARECIDA DO TABOADO







Um dos orgulhos do povo de Aparecida do Taboado é viver na cidade onde nasce o Rio Paraná, que em tupi-guarani se traduz por “parecido com o mar”. Com suas praias de água doce, o Paraná alimenta as paisagens e os costumes da cidade que foi rota obrigatória de gado no antigo Estado de Mato Grosso. O Porto de Taboado se tornou um próspero município de Mato Grosso do Sul, na divisa com São Paulo e Minas Gerais.

Lugar de terra fértil e agropecuária forte, Aparecida do Taboado realiza todos os anos uma festa que envolve a cidade e a região. A tradição que nasceu nas fazendas de Aparecida do Taboado se repete todo dia 19 de janeiro. Mas agora, a festa de São Sebastião é realizada em um centro comunitário na zona rural, a nove quilômetros da cidade, uma das mudanças que os anos trouxeram.

O jovem Sebastião foi um dos oficiais do Imperador de Roma e se tornou protetor dos cristãos. Disposto a lutar por sua fé e perseguido por Diocleciano, Sebastião foi amarrado a um tronco e teve o corpo perfurado por flechas. Sobreviveu aos ataques e continuou a pregar sua fé. Não resistiu, porém, ao segundo embate. Quatrocentos anos depois, Roma foi castigada por uma peste, que teve fim quando o Imperador Constantino, convertido ao cristianismo, construiu a basílica que abriga os restos mortais de São Sebastião. Foi assim que o santo se tornou o padroeiro contra a peste, a fome e a guerra.

Em Aparecida do Taboado, a fé de um devoto, aflito pela saúde do filho, manteve viva a tradição da festa de São Sebastião, que já acontece há 131 anos. O fazendeiro prometeu que todo dia 19 de janeiro daria alimentos às pessoas da região. História lembrada de geração em geração. Assim, todo ano os pecuaristas colocam seus nomes à disposição, para através de um sorteio definir o próximo festeiro.



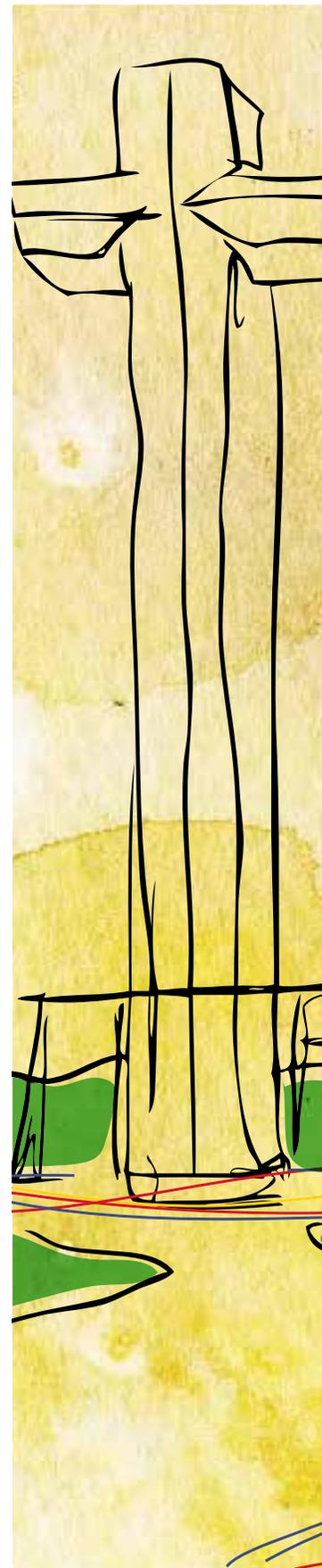
Os preparativos para receber e alimentar cerca de 4 mil pessoas exigem muito trabalho. Tudo feito com carinho para homenagear o santo, que se tornou padroeiro dos pecuaristas e dos fazendeiros.

Almôndegas, lombo recheado, frango com macarrão, ensopado de mandioca, farofa, arroz, feijão. A lista de opções de doces também é farta.

A chegada da bandeira anuncia que a festa vai começar. Depois do hasteamento acontece o terço cantado, tradicional da região. Depois do leilão das prendas vivas é sorteado o festeiro do próximo ano. Além do festeiro também são sorteados 4 procuradores. Eles terão a missão de arrecadar as prendas da próxima festa entre os moradores da região. É escolhido ainda o responsável pela confecção da nova bandeira.

Outro membro da organização que é fundamental para o sucesso da festa, trabalha para que, um ano depois, uma bela fogueira seja acesa depois do terço, esquentando o forró, que se estende madrugada afora.

FESTA DE
SÃO PAULO APÓSTOLO
EM IVINHEMA







As manifestações de fé se confundem com a história da formação dos povoados brasileiros. Nas pequenas cidades elas dão origem a tradições, unem a comunidade e reforçam a identidade entre os moradores.

No sudoeste de Mato Grosso do Sul a devoção pelo apóstolo Paulo - o fariseu que perseguia cristãos e depois de convertido se tornou o maior divulgador do cristianismo fora da Palestina - foi o primeiro marco do catolicismo. Em 1963, no início da colonização de Ivinhema, os católicos cobravam do fundador Reynaldo Massi, a construção de uma igreja.

Um ano depois a capela ficou pronta. E em 1967, uma grande torre de madeira com três sinos foi acoplada a edificação principal. Dois foram comprados com dinheiro da população e o maior foi doado por Massi.

São Paulo, o santo de devoção do fundador Massi, se tornou o padroeiro de Ivinhema. Com o passar dos anos a comunidade desejou a presença permanente de um padre e se uniu para que a capela se transformasse em Paróquia. Uma comissão foi criada e a diretoria do movimento eleita para sensibilizar os fiéis.

O número de fiéis foi crescendo junto com a cidade. Ao lado da pequena capela, um baracão improvisado teve que ser erguido para abrigar as missas. O povo voltou a sonhar... Os moradores de Ivinhema queriam uma igreja matriz para abrigar o crescente número de fiéis e pediram a elaboração de um projeto arquitetônico. No dia em que foi inaugurada a pedra fundamental da Igreja Matriz, no centro da cidade, a comunidade fez a maior festa. Na igreja matriz - com sua arquitetura moderna - foram colocados os três sinos da antiga torre da capela.

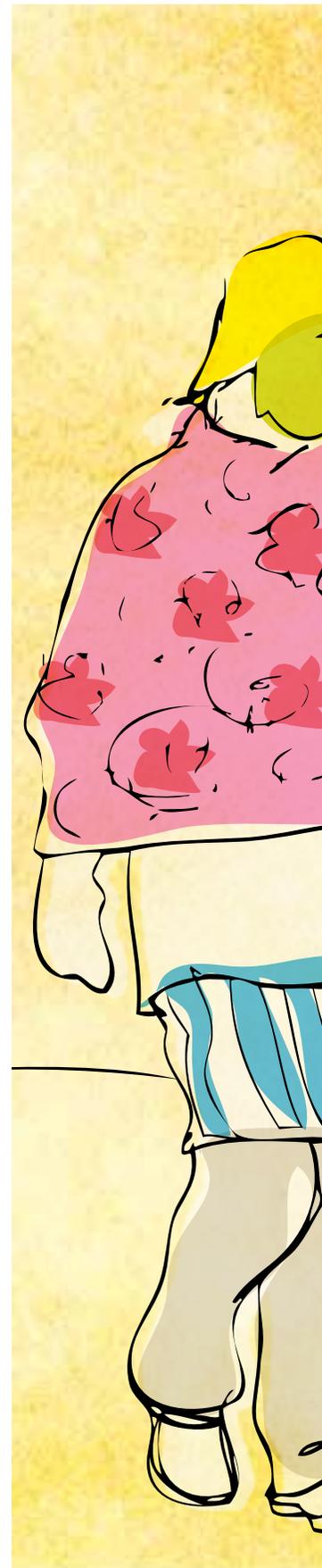


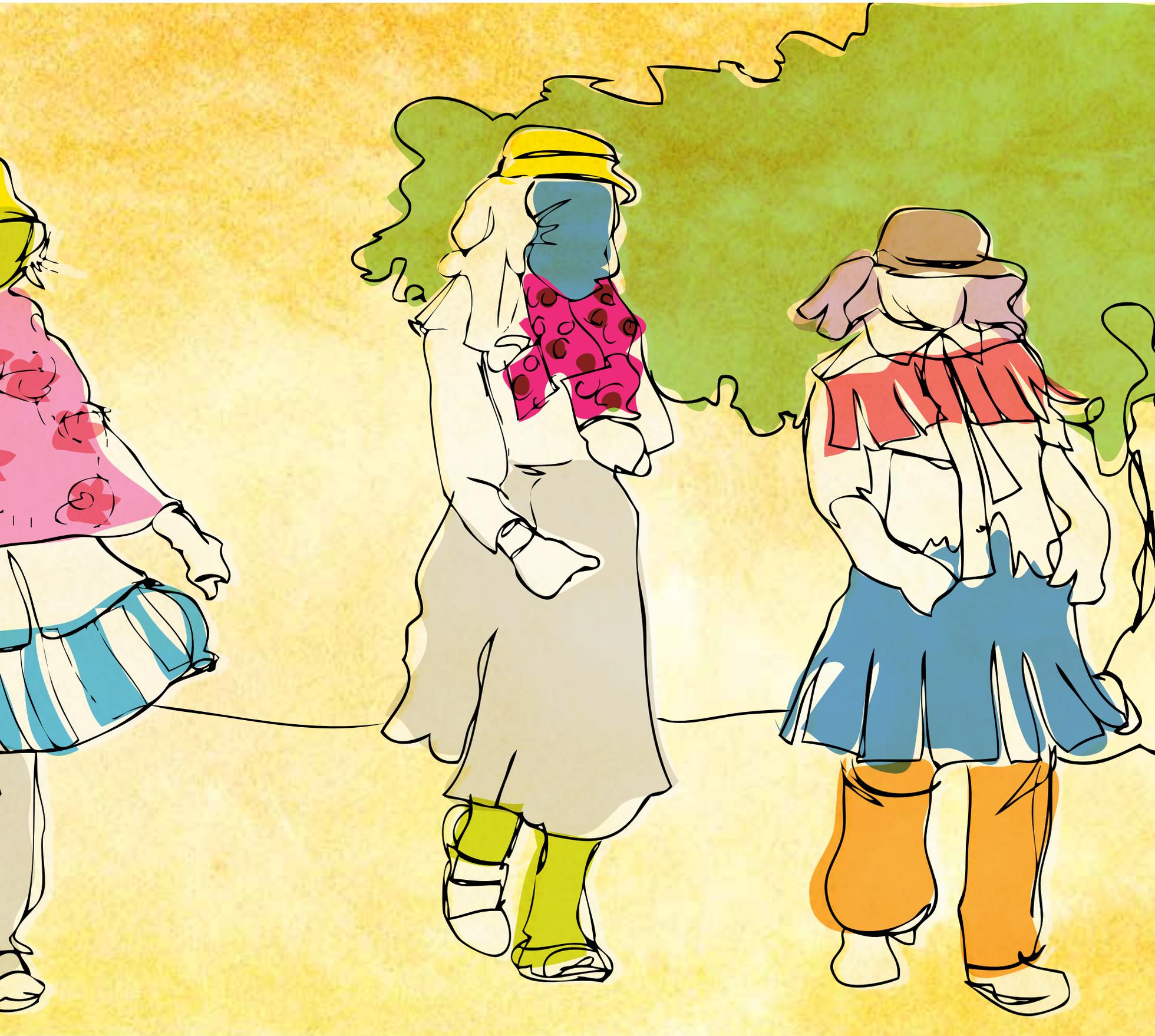
A tradição católica de comemorar no dia 25 de janeiro a Festa do Padroeiro São Paulo Apóstolo foi ganhando força em Ivinhema. Quermesses, almoços de domingo e leilões de gado. Dias de alegria e devoção para o povo.

A comemoração mantém o jeito do interior, mas passou a acompanhar a evolução do centro urbano. A partir do ano 2000 a festa do padroeiro passou a ser celebrada em todas as comunidades da paróquia, dividida em 6 setores. Nos bairros, a comunidade enfeita os andores. Bandeirolas coloridas, rojões e cânticos populares tomam conta da cidade. Depois da celebração da missa os devotos seguem para a festa na paróquia.

A tradição de São Paulo Apóstolo constrói parte da identidade cultural de Ivinhema. A pequena capela de madeira - agora restaurada e tombada como patrimônio - testemunha a história que todos os anos renova a fé do povo ivinhemense.

FESTA DE
SÃO PATRÍCIO
EM BELA VISTA







As águas do Rio Apa, em Mato Grosso do Sul, unem dois países e banham uma região que viveu grandes disputas territoriais. Os portugueses foram os primeiros a devassar Bela Vista. Depois vieram os conflitos sangrentos entre portugueses e castelhanos. E por fim, brasileiros e paraguaios travaram os últimos embates pelo domínio dessas terras. A disputa entre os irmãos de fronteira - que hoje se reconhecem em suas raízes - escreveram as páginas mais sangrentas da história do Brasil: a Guerra do Paraguai.

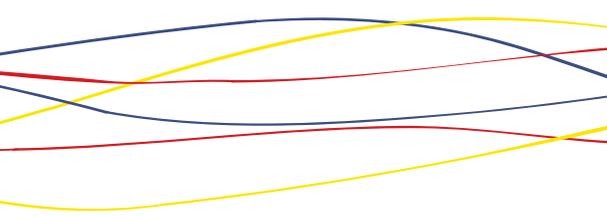
Anos depois, esse capítulo da história teria sua simbologia incorporada ao festejo que une cultura popular a uma das mais antigas manifestações de fé da região.

Emancipada em 1918, a Princesa do Apa - como é conhecida na região - tem do outro lado do rio sua cidade-irmã de mesmo nome, evidenciando a força da cultura fronteiriça... Os sul-mato-gossenses incorporaram aos seus costumes o tereré - bebida a base de erva-mate e água gelada ou natural. E a polca paraguaia influenciou a musicalidade do povo de Mato Grosso do Sul.

Cercada por belezas naturais, prédios históricos e monumentos, a Bela Vista brasileira deu início em 1937 a uma festa que até hoje é realizada pelos descendentes.

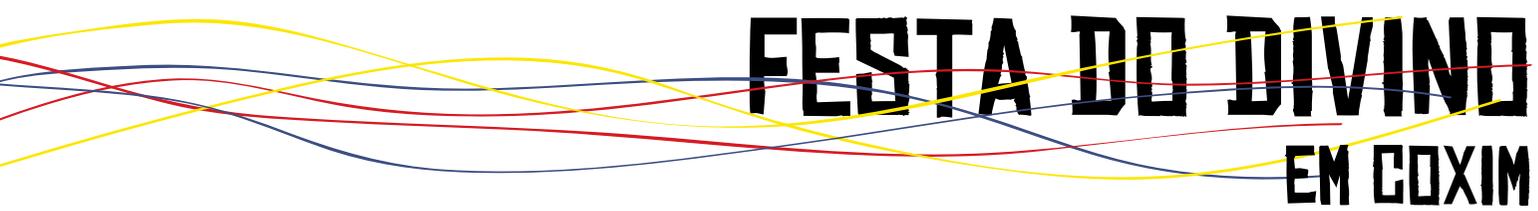
A festa começou com a inauguração de uma igreja em homenagem ao santo, construída no bairro da Cancha - reduto de imigrantes. A procissão, iniciada por padres redentoristas irlandeses, marcou a chegada da fé cristã à região. Os festejos perderam em luxuosidade, mas as novas gerações se esforçam para levar a tradição adiante.





Hoje as pessoas podem sentir que a festa de São Patrício vai muito além de uma procissão – é toda uma cultura ali reunida, resgatada de séculos de tradições que foram trazidas por espanhóis, gaúchos e misturadas a elementos da terra. E isso se transformou num grande movimento folclórico, não só religioso. Sacro, é verdade, mas com elementos profanos, superstições puras e outras belezas, que fazem de São Patrício uma procissão única no Estado. A imagem é carregada pelos fiéis e as mascaritas abrem o cortejo. As máscaras servem para espantar os maus espíritos, limpando o trajeto por onde o santo passará. Enquanto isso, a banda de sopro e violões toca músicas sacras. A procissão faz referência à história que marcou Bela Vista e lembra o episódio sangrento que vitimou milhares de famílias dos dois países, com os cavaleiros que guiam os fiéis. O cortejo chega à Igreja e tem início a missa de São Patrício!

Como muitas das manifestações populares de Mato Grosso do Sul, a festa de São Patrício contribui para que as tradições permaneçam, provando que a fé e a religiosidade superam as guerras e barreiras linguísticas.



FESTA DO DIVINO
EM COXIM







Coxim, o maior e mais populoso município da região Norte de Mato Grosso do Sul é famoso por seus rios e tradições. É a capital do peixe, terra do Pé de Cedro. É cercada pelas águas dos rios Taquari, Jauru e Coxim - a pesca farta e as belezas naturais da cidade atraem turistas de todos os cantos do país.

Há mais de 117 anos o povo da cidade vive as emoções da festa que abençoa as famílias da região.

Antonieta Ries Coelho - uma das mais antigas foliãs de Coxim - aos 84 anos ainda participa da festa. Na infância viajava de Cuiabá a Coxim para festejar. É testemunha das transformações pela qual a festa e a cidade passaram. Antes não havia luz, o padre vinha de fora pra organizar a festa e a cidade se resumia a duas ruas. As transformações que dona Antonieta leva na memória estão registradas na exposição historiográfica da Festa do Divino de Coxim.

Ao longo dos anos, o processo socializador da festa ainda preserva o registro do imaginário social da comunidade. São gerações vivenciando a transmissão de conhecimentos através de gestos, falas e expressões artísticas da festa, carregadas de significados que expressam a forma de ser, viver e conhecer em sociedade.

Todos os anos é assim: a Festa do Divino Espírito Santo marca a bênção de todos os lares, sempre no primeiro domingo de maio. Até o final do mês de julho, acontecem as novenas. O evento tem uma extensa programação religiosa, social e cultural que envolve toda a cidade.

Para os coxinenses, é sempre uma honra receber a bandeira do Divino em casa, eles são muito devotos, acreditam no poder da bandeira e se empenham na tarefa de arrecadar oferendas e receber os foliões com almoços e comidas típicas da região. A cantoria também faz parte da tradição!

As rimas funcionam como repentes. O agradecimento a cada oferta varia de acordo com o doador.

Para os mais antigos o ato de ajoelhar embaixo da bandeira na hora da oferta simboliza o respeito diante da grandeza de receber o Divino. Significa ser protegido pela bênção, ser iluminado. Para que a bênção chegue a todos os lares, a comitiva percorre grandes distâncias. São quilômetros vencidos a barco ou até mesmo de avião, nas fazendas mais retiradas.



O casal de Alferes da bandeira e Capitão do mastro coordenam as visitas às casas carregando a bandeira do Espírito Santo, que representa a fé do povo para com Deus. A Pomba simboliza o Senhor Divino. A emoção e o respeito marcam a tradição do beijo na bandeira. É nesse momento que os festeiros renovam a fé e devoção ao Divino Espírito Santo.

A festa que se tornou tradição cultural de Mato Grosso do Sul é considerada a mais antiga do Estado. O padre Micael Andrejzski possui inclusive a transcrição de um documento do Arquivo Público de Cuiabá que narra a expedição a Coxim de um delegado que faz uma diligência por conta de alguns crimes que aconteceram na região, no ano de 1877. Neste documento, o delegado cita que um padre estava em Coxim por conta da festa do Divino Espírito Santo, portanto a festa já tem mais de 135 anos de existência. Por isso é uma das festas religiosas mais antigas do estado, que mantém seus valores essenciais: a bandeira do Divino Espírito Santo, os alferes, o festeiro-mor e, principalmente, a visitação as famílias.

Até 2006 os três festeiros eram escolhidos por sorteio. Depois, a festa ganhou uma nova tradição e os casais do festeiro-mor, capitão do mastro e alferes da bandeira passaram a ser designados pelo clero. Dos três grupos, só os alferes da bandeira participam de toda a folia, e por três meses é o responsável pela vigília da bandeira.

Do início de maio ao fim de julho a programação religiosa, social e cultural toma conta da cidade e do povo coxinense. São três meses de celebrações religiosas e dez dias de festividades que se encerram no final de julho com praça de alimentação, pratos típicos da região, quermesse e parque de diversões. Apresentações culturais, exposição de artesanato local e shows populares também fazem parte do calendário da festa, que fica ainda mais animada com o baile no Salão Paroquial São José. Na última noite, acontece a coroação da rainha e das princesas.

A centenária festa do Divino preserva a essência cultural e as manifestações de fé de um povo que todos os anos fortalece ainda mais suas raízes e as bases de sua história.

TERÇO EM HONRA A
SÃO JOÃO BATISTA E SÃO PEDRO
EM CAMPO GRANDE







O mês de junho é de muita festa, fé e alegria para a Comunidade Negra São João Batista. Formada por remanescentes de quilombolas, os moradores mantêm viva a tradição religiosa familiar que, de geração em geração, comemora uma grande confraternização popular em honra e louvor ao santo.

História que resiste ao tempo. E que teve como ponto de partida uma cidade localizada a 242 quilômetros de Campo Grande.

Desde 1922, a devoção a São João Batista vem alimentando os laços de fé entre membros da família Anunciação. Netos, bisnetos e tataranetos de dona Maria Rosa de Anunciação se unem para celebrar a tradição iniciada em Coxim, a primeira cidade em solo sul-mato-grossense onde a “promesseira” morou, junto com o filho, José Soares Magalhães que nasceu prematuro e sem chances de sobreviver. Com a saúde do filho reestabelecida dona Maria Rosa cumpriu a promessa de propagar a fé em São João Batista. E desde então, seus descendentes realizam o ritual religioso todos os anos, entre os dias 23 e 29 de junho.

Em 1945 a família se mudou para a capital, Campo Grande, levando junto a tradição dos festejos, que logo se incorporaram ao calendário de festa dos moradores dos bairros por onde passaram.

A comemoração é rica em simbologia. Aos descendentes de Maria Rosa cabe a coordenação de toda a festa. Desde 1992, José Reginaldo de Anunciação e a esposa Maridalva formam o casal de festeiros. Há um responsável por providenciar o material usado para confeccionar e depois acender a fogueira ao entardecer do dia 23, dando início aos eventos da festa, é o capitão da fogueira. Depois que ela é acesa acontece a chegada dos guardiões à capela. São dois casais - um ao lado do altar e outro posicionado à porta. Após a chegada dos festeiros inicia-se o terço.

Tudo seguindo as tradições que Maria Rosa criou.

Os guardiões se movimentam para o início da procissão. Um dos casais vai à frente dos devotos e o outro atrás de toda a gente, cercando a procissão. A procissão representa uma proteção de São João Batista e os guardiões São Jorge e Joana D’arc.

As crianças têm um significado especial na festa da comunidade quilombola São João Batista. Elas participam da procissão vestidas de anjo e confirmam as promessas feitas pelas mães para que o santo interceda pela saúde delas.



No primeiro dia de festa os participantes cumprem o ritual de passar por debaixo de um mastro com as bandeiras de São João Batista, São Pedro e São Paulo. Sandro, bisneto de Maria Rosa, é o capitão do mastro. Segundo ele, toda vez que o mastro é levantado, leva todas as orações e pedidos a Deus. Portanto, para que cheguem ao céu, deve-se usar como mastro o pau mais alto que tiver dentro da comunidade. Assim surgiu o levantamento do mastro. E no dia de São Pedro acontece a descida do mastro, trazendo de volta todos os pedidos feitos a Deus em forma de bênçãos. Todos que participaram do levantamento devem estar presentes também no momento da descida do mastro para receberem as orações.

No dia 29 a bandeira é recolhida e guardada.

Os acontecimentos da festa dão um colorido especial à comunidade quilombola e mantém viva a tradição familiar que já completa 90 anos. As comemorações sacro-profanas populares movimentam os descendentes de Maria Rosa e os convidados, que somam quase mil pessoas. Cerca de 80 são descendentes das famílias Bispo e Anunciação. Unida em uma associação, a comunidade ganha força para manter as tradições e fortalecer as manifestações de fé.

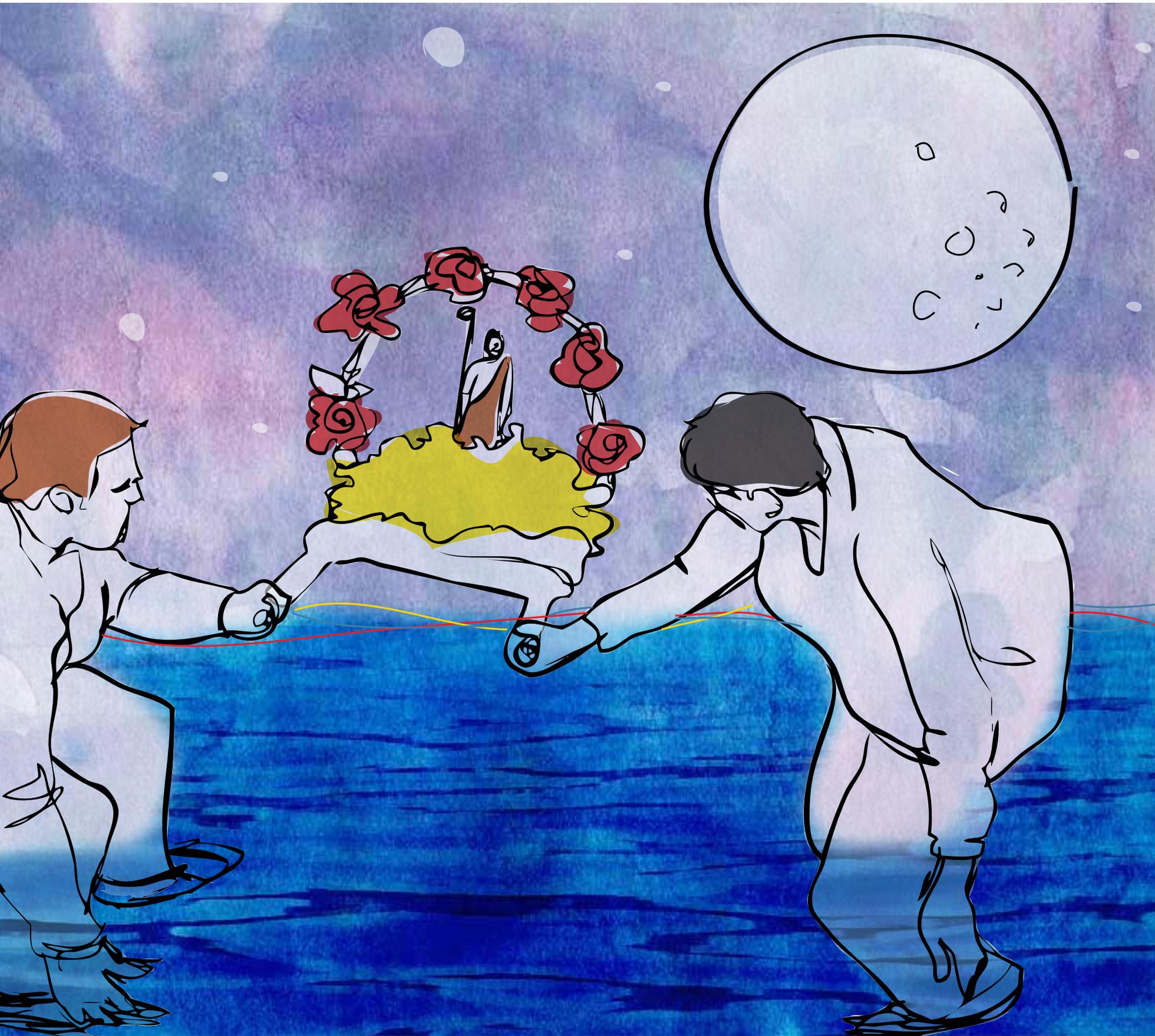
Desde 2000, as 15 famílias afrodescendentes que vivem na comunidade fizeram da associação um instrumento para defender os anseios dos moradores e desenvolver projetos voltados para o fortalecimento das necessidades e raízes culturais.

O Terço em honra a São João Batista e São Pedro, da Comunidade Quilombola de São João Batista, que já foi conhecido como a Festa dos Trindades, é de muita alegria. As quadrilhas, as barraquinhas encantam crianças e adultos e a fartura de comida celebra o jeito simples de uma gente que acredita na força de sua fé.

Será assim na festa dos próximos anos. Uma comunidade reunida em torno de tradições, se empenhando para manter a história de devoção que as une.

BANHO DE
SÃO JOÃO
EM CORUMBÁ







Corumbá é o último território brasileiro antes de adentrar em solo boliviano. O mais importante porto do estado de Mato Grosso do Sul - grande potência econômica entre o final do século 19 e começo do século 20 - também guarda riquezas históricas, culturais e naturais.

Fundada em 1778, Corumbá é uma das cidades fronteiriças de maior população do Brasil. Conhecida como a capital do Pantanal, a cidade se localiza em meio a maior planície alagável do planeta e à margem esquerda do Rio Paraguai. A força e união dessas águas estão presentes na cultura, religiosidade e manifestações de sua gente.

A Festa de São João de Corumbá é celebração mais tradicional de Mato Grosso do Sul e a presença das águas do rio Paraguai tem contribuído para a beleza desta tradição. É uma festa que não se resume apenas à descida dos andores – há toda uma preparação que antecede o dia 24 de junho. Nas casas são realizadas as novenas, momento de confraternização e de agregação de novos valores para que as outras gerações perpetuem o que seus antepassados já faziam há séculos.

Neusa Narico Arashiro, da Gerência de Patrimônio Histórico e Cultura da Fundação de Cultura do Estado, explica que o Banho de São João de Corumbá é um patrimônio imaterial registrado de Mato Grosso do Sul. É uma festa marcada não somente pela fé, mas também pela gastronomia, influenciada pela cultura Bolívia e afro-brasileira, e pelo turismo, que traz pessoas de diversas partes do Estado para celebrar junto com o povo corumbaense.

O banho de São João é uma manifestação sacro-profana que une as famílias corumbaenses. Os primeiros registros da festa dão conta de que a tradição portuguesa foi trazida para Corumbá pelos imigrantes árabes por volta de 1882. E move gerações.

A passagem mais importante da festa acontece nas águas profundas do Rio Paraguai, de onde se avista o Casario do Porto - patrimônio histórico nacional, tombado em 1992. Mas até a passagem do dia 23 para 24 de junho é na casa das famílias que a tradição acontece. Antes que tudo esteja pronto para o cortejo - que vai conduzir a imagem do santo às águas do rio Paraguai - a festa percorre um longo caminho.

João Batista foi o precursor da fé cristã. O banho da imagem do santo representa o batismo e o renascimento. Nas casas, os devotos fazem a novena a partir do dia 15 de junho. Preparam e enfeitam os andores, que levam o nome das famílias.



E na cidade, marcada pelo sincretismo religioso, as crenças se misturam. Dona Janete é babalorixá e tem um terreiro de umbanda. É uma festeira tradicional do banho de São João. Em 1972 fez promessa ao santo por motivo de saúde da filha recém-nascida. Credita a cura como graça recebida pela fé em São João. Há 37 anos dona Janete leva a imagem de São João ao rio, preservando a cultura e a tradição iniciada pelos pais. Organiza a festa, faz a novena, ergue o mastro e acende a fogueira. Os convidados comem e dançam.

Chega 23 de junho, o grande dia para os devotos e suas famílias. A noite de fé enche de colorido e cantoria o Porto Geral de Corumbá. A movimentação começa com a missa em louvor a São João Batista, onde milhares de pessoas se reúnem na igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária.

É chegada a hora dos andores ganharem as ruas em direção ao rio Paraguai.

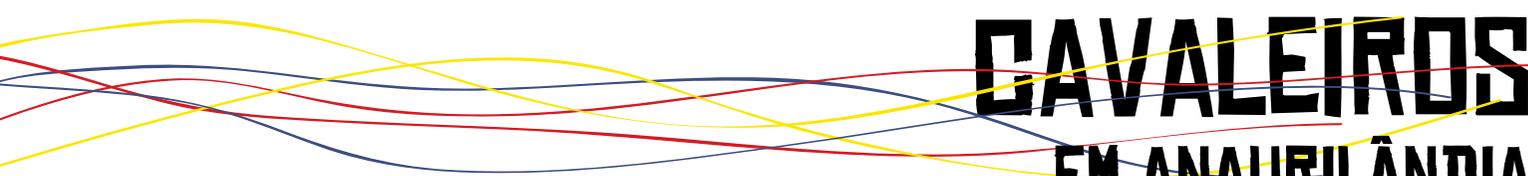
A cantoria acompanha a caminhada e revela a riqueza e a musicalidade do povo pantaneiro. Essa gente, que tem nas águas parte importante de suas raízes culturais, acredita que na noite de 23 para 24 de junho as águas do rio Paraguai adquirem propriedades benéficas e miraculosas. A fé do povo pantaneiro é comemorada com festa. O respeito e devoção ao santo são marcados pela alegria dos devotos. A procissão em cantoria espalha música pelas ruas da cidade. E a descida até as águas do Rio Paraguai é marcada pelo respeito e devoção ao santo.

Na chegada ao Porto Geral, o locutor da festa anuncia o andor, que leva o nome das famílias.

Mas o banho de São João nas águas do Rio Paraguai é cercado por crendices. Se alguém olhar para as águas do rio e sua imagem não se refletir, a pessoa não estará viva no próximo São João. Quem espera engravidar deve descer descalça a ladeira. E os devotos acreditam, principalmente, na fama de casamenteiro de São João. Por isso, quando dois andores se cruzam, faz parte da tradição cumprimentar e passar por baixo dos andores dizendo: “Deus salve São João Batista Sagrado, ano que vem quero estar casado”.

Os andores são acompanhados por multidões que levam velas e bandas, mas também por grupos menores e mais silenciosos, em demonstrações de fé mais intimista. Todos são recebidos por banda de cururuzeiros - ritmo tradicional dos povos pantaneiros. Depois de banhar o santo no rio o mastro é içado e os devotos se preparam para fazer o trajeto de volta à casa do festeiro - sobem a ladeira cumprindo a tradição de cumprimentar o cortejo que está descendo.

A festa que une milhares de famílias vai continuar na casa dos devotos até que o dia termine e o próximo ano traga para as ruas o colorido, a simplicidade e os sons que renovam a fé do povo pantaneiro em São João Batista!



**MISSA DOS
CAVALEIROS
EM ANAURILÂNDIA**







A lida com a terra e com o gado alimentam as raízes culturais dos sul-mato-grossenses. Inspirada nos costumes dos trabalhadores das propriedades rurais, a cidade de Anaurilândia, a 372 quilômetros da capital Campo Grande, viu surgir uma festa que nasceu embalada pelas rodas de viola e o jeito simples de sua gente do campo.

Anaurilândia é berço de uma tradição tão original quanto o nome da cidade, batizada pelo fundador Ciríaco Gonzáles em homenagem a esposa, Anaurelíssia. No começo do século passado a localidade era conhecida por fazenda Água Amarela que, loteada por Ciríaco, a propriedade deu origem ao povoado.

Com solo fértil e imensas pastagens a força econômica da região é movida por famílias de trabalhadores rurais. E uma característica importante dessa gente chamou a atenção dum padre gaúcho recém-chegado à cidade: o padre Julio Gotardo Soster - um admirador da cultura e da simplicidade dos peões.

Segundo ele, a igreja era frequentada por pouca gente, cerca de 30 pessoas, fazendeiros em sua maioria. Relata então que ficou amigo dos peões, com intuito de atraí-los para pra igreja. Foi aí que ouviu o motivo pelo qual estes não frequentavam a casa do Senhor, tinham vergonha de participar dos ritos da igreja devido a simplicidade de suas roupas e calçados.

O padre, amigo dos peões e zeloso pelos mais humildes decidiu aproximar a igreja da comunidade, falando a linguagem do seu povo. A Missa dos Cavaleiros se tornou conhecida em toda a região, se fortalecendo anos após ano, somando homens e mulheres de diferentes idades.

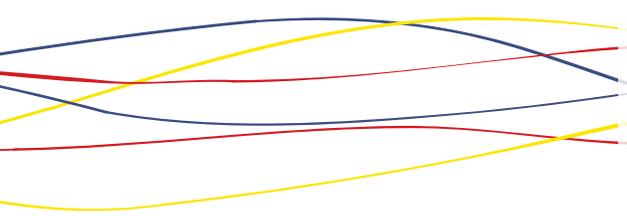
Em Anaurilândia, a primeira quinzena do mês de junho é de quermesses.

Com a chegada dos últimos dias do mês a população rural se movimenta nas fazendas e assentamentos. São comitivas que se preparam para percorrer um longo caminho - muitos vencem 45 quilômetros na cavalgada movida pela fé.

Todo o trabalho é feito em equipe. As comitivas saem das localidades rurais levando homens e mulheres de todas as idades. Carregam pedidos de paz e a firme intenção de homenagear São João Batista - o padroeiro de Anaurilândia.

Depois de horas de estrada a primeira parada para descansar e pernoitar. O clima é de confraternização. Com festa e alegria a comitiva revigora as forças para o grande acontecimento do dia seguinte. Chega a hora de pegar a estrada novamente...



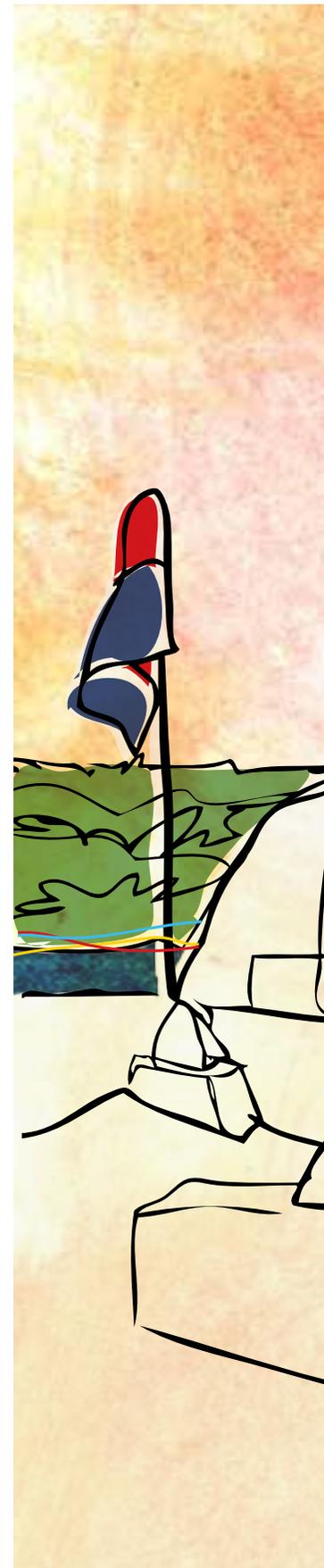


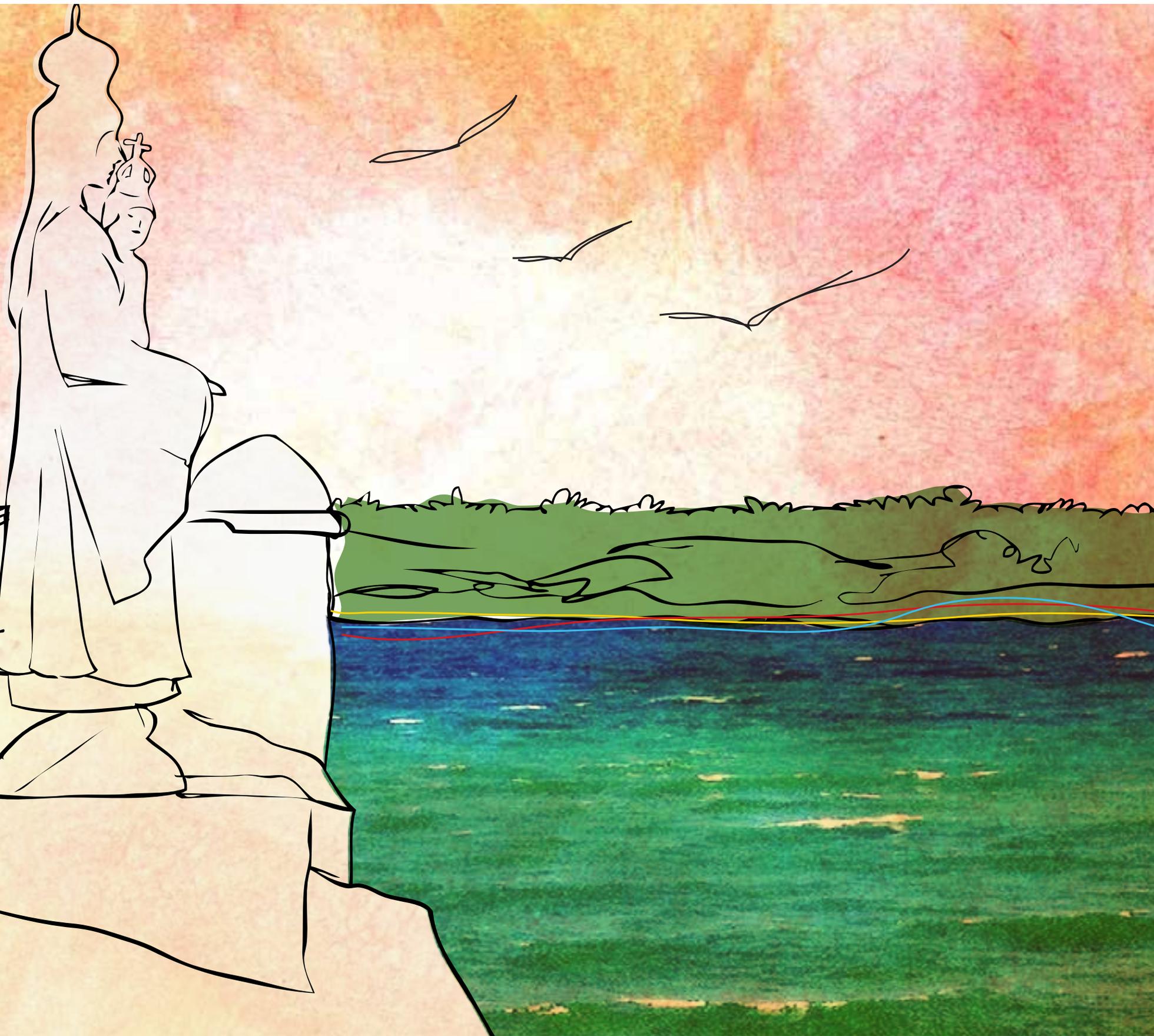
Na cidade os preparativos da festa também envolvem os moradores de Anaurilândia. A festa do Padroeiro da paróquia São João Batista em Anaurilândia e a cavalgada também fortalecem a identidade e as origens rurais nessa cidade do interior do Brasil.

Na estrada, as longas horas de cavalgada não diminuem o entusiasmo dos viajantes. Ao final da tarde de sábado a comitiva chega em Anaurilândia e se torna atração da cidade. E no dia 23, os meios de transporte do passado e do presente recebem as bênçãos da igreja. Há comida farta, leilão de prendas.

Novas gerações vão renovando os momentos de fé sonhados pelo jovem padre gaúcho em defesa da gente simples, dos trabalhadores desse pedaço de chão.

FESTA DE
NOSSA SENHORA DO CARMO
EM GOIMBRA







Localizado na margem direita do rio Paraguai, no município de Corumbá, próximo a tríplice fronteira, o Forte Coimbra fica em uma região estratégica, de difícil acesso. Só é possível chegar até lá de avião ou em alguma embarcação pelo rio Paraguai.

No caminho está a ponte ferroviária que serviu, durante muito tempo, para transporte de trem de passageiro e carga, de Corumbá para outras cidades. Descendo o rio é possível enxergar um pouco da variedade da fauna e flora do pantanal. O percurso é encurtado por atalhos, os chamados corixos, caminhos que se formam entre a vegetação.

Encravado em um morro, o forte guarda histórias de lutas e fé. Administrado pela 3ª Companhia de Fronteira, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O Forte, fundado em 1775, foi concebido para guardar as terras brasileiras da região fronteira contra o avanço espanhol e indígenas da região. Inicialmente, era chamado de Presídio de Coimbra, nome que se dava às fortificações portuguesas naquela época.

A coroa portuguesa determinou a construção em um ponto diferente daquele, escolhido pelo capitão Mathias Ribeiro da Costa. Erro “bem acertado”, que lhe custou, anos mais tarde, o posto no exército. Segundo o Major Marco Aurélio Magalhães Cavalcanti, Comandante do Forte, o ponto escolhido por Mathias Ribeiro, na verdade foi acertado, pelos seguintes motivos:

- 1) A distância era boa para um apoio militar, já que Fecho-dos-Morros era muito mais abaixo e isso implicaria também em risco de cruzar com os hostis índios cavaleiros guaicurus;
- 2) Tinha uma maior distância rio acima de guarnições castelhanas;
- 3) Tinha melhores condições militares para impedir avanços rio acima;

O domínio pelos espanhóis de outras guarnições militares, a resistência do forte a ataques por eles, veio mostrar o acerto em sua localização.

A localização acertada e as vitórias nas batalhas ocorridas na região são atribuídas, pelos relatos de época, como intervenções de Nossa Senhora do Carmo. Foi o tenente-coronel Ricardo Franco Almeida Serra quem levou a imagem da santa ao Forte.

Em 1864, ocorre uma das mais importantes batalhas de Coimbra. Uma esquadra composta por 11 navios de guerra e 3200 homens chega para tomar o forte, protegido por 250 pessoas, entre soldados, civis, mulheres e índios guaicurus, liderados pelo tenente-coronel Herme-negildo Portocarrero.



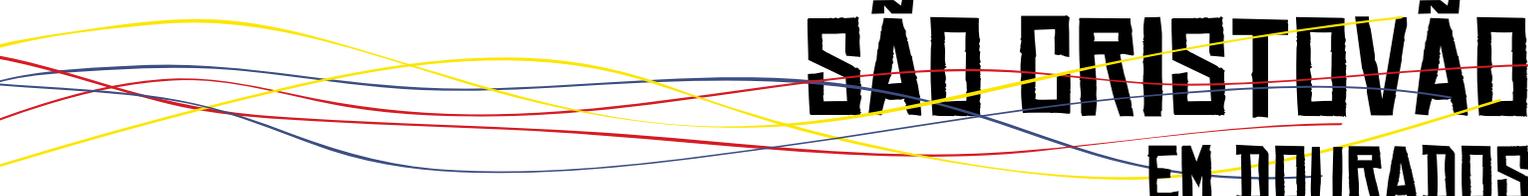
Durante o ataque ao forte, no auge da luta, dona Ludovina, esposa do comandante, simbolicamente, passa o comando do local à Nossa Senhora do Carmo, depositando aos pés da santa, uma faixa de seda vermelha, retirada do uniforme do marido. Ao verem a imagem da santa, os paraguaios pararam de atirar em respeito e devoção à Nossa Senhora do Carmo e houve uma trégua no combate naquele momento. Esta trégua perdurou por algum tempo e o comandante Portocarrero conseguiu organizar a saída de todos do Forte. Vale lembrar que ninguém morreu neste evento.

No dia 16 de julho é celebrado o dia da padroeira do Forte. Os festejos começam logo pela manhã na pequena praça, com um café da manhã comunitário que celebra o espírito da comunhão. Em seguida, uma missa é celebrada no Forte Coimbra. A maioria dos moradores da região participa. Na data, pessoas que já tiveram graças atendidas, reafirmam a fé. Ao final da missa começa a procissão. Muitos atribuem a realização de milagres à santa. Carregar o andor é considerado sinal de devoção e respeito.

A história dos moradores se confunde com a da santa. Pessoas simples que de alguma forma têm uma forte ligação com Nossa Senhora do Carmo, mas que parecem desconhecer relatos históricos de intervenções da santa ao longo da história do Forte.

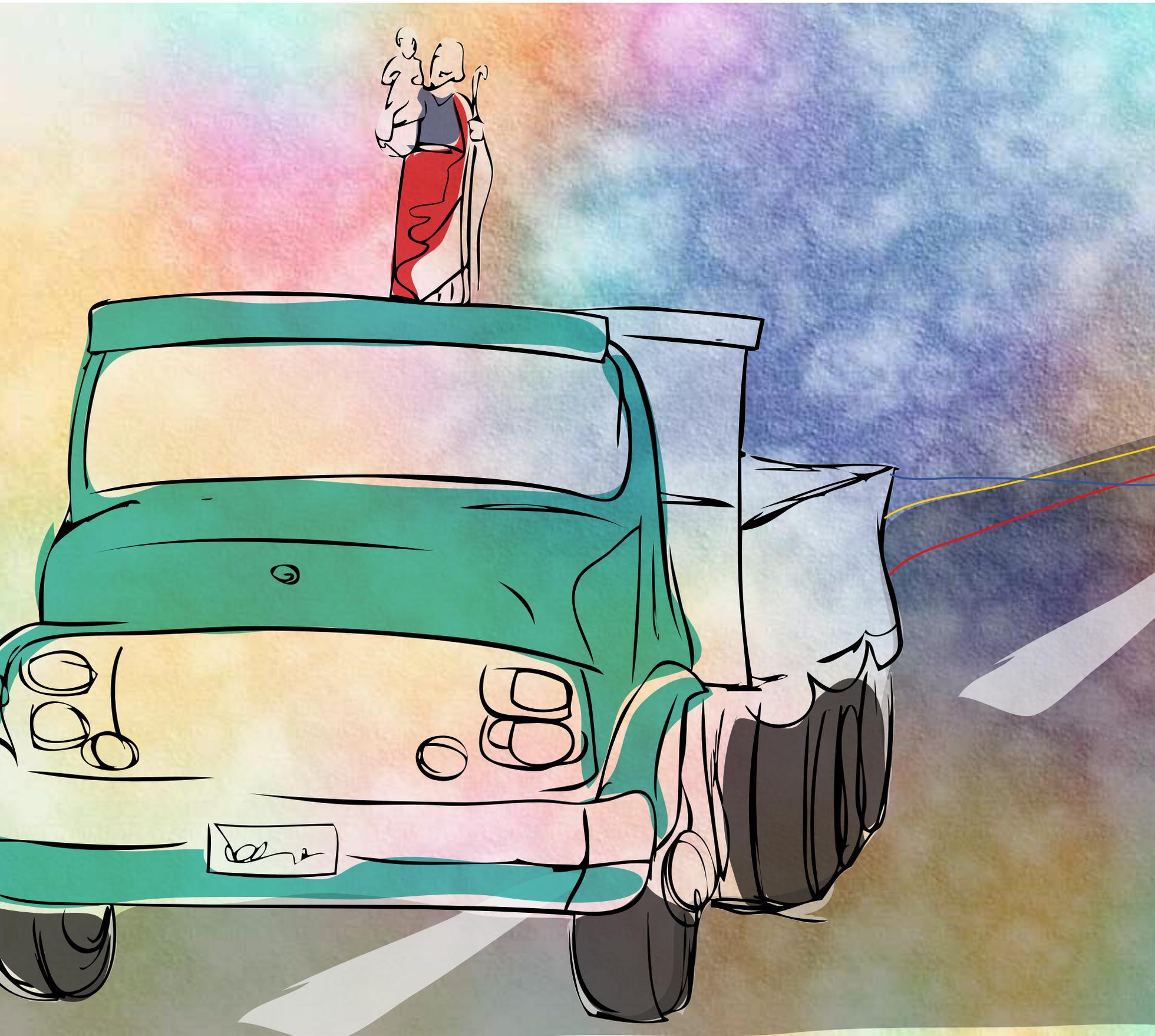
Durante a procissão acontece a troca de guarda. Os militares, trajando uniformes de gala, da época do Império, recebem a imagem e conduzem uma grande solenidade em homenagem à Nossa Senhora. Nesse momento o papel de dona Ludovina, a esposa do comandante, que ordenou que o soldado erguesse a imagem nas muralhas do forte é lembrado. No quartel a Santa é homenageada com honrarias militares. Todos os anos o comando do Forte é entregue simbolicamente às mãos de Nossa Senhora do Carmo. Após a celebração, um farto churrasco é servido a todos. Até o corte da carne segue uma tradição. Este corte peculiar é conhecido como pandorga e, segundo a comunidade, só existe ali. E se não for assim, não há Festa da Santa!

Até o final do dia os moradores participam de festividades que representam um pouco do estilo de vida e da história do lugar. Uma tradição construída por homens e mulheres e suas histórias de fé.



FESTA DE
SÃO CRISTOVÃO
EM DOURADOS







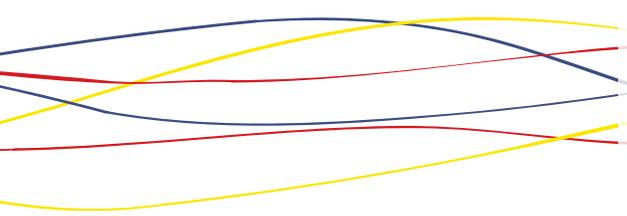
Quem trabalha dirigindo por diferentes rodovias sabe como medir a distância em saudade. Na boleia, eles contam com a fé para seguir rodando e voltarem para casa em segurança. Muitos, contam com a proteção de São Cristóvão. Popular em vários países e religiões, o santo guarda os motoristas e agricultores e ganhou em Dourados, uma grande festa em sua homenagem.

A festa nasceu para arrecadar fundos para a construção de uma capela e ao longo dos anos foi ganhando força junto aos produtores da região, que aproveitam a data para pedir que o santo ajude na colheita.

Filho de nobres, Cristóvão decidiu servir apenas aos mais fortes. Após peregrinações e tentativas frustradas de encontrar alguém digno de sua estima, conhece um homem que lhe educa na fé cristã, que lhe sugere uma função: ajudar pessoas a atravessarem um perigoso rio. A tarefa é seguida a risca, até o dia em que Cristóvão carrega um menino, com imensa dificuldade. A criança, mais tarde, revela ser o Criador do Universo. Daí vem o significado do nome, Cristóvão, aquele que carrega Cristo. Desse momento em diante Cristóvão passa a converter milhares de pessoas, o que chama a atenção de um rei, que captura, tortura e decapita o santo.

A história de fé e determinação motiva quem precisa ganhar o sustento viajando. Em Dourados, cidade com a segunda maior população do Estado, é possível perceber a devoção da categoria ao santo. Todos os anos centenas de motoristas se reúnem para celebrar.

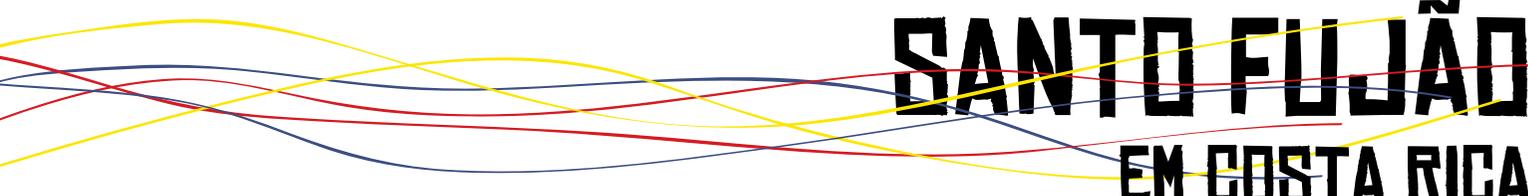




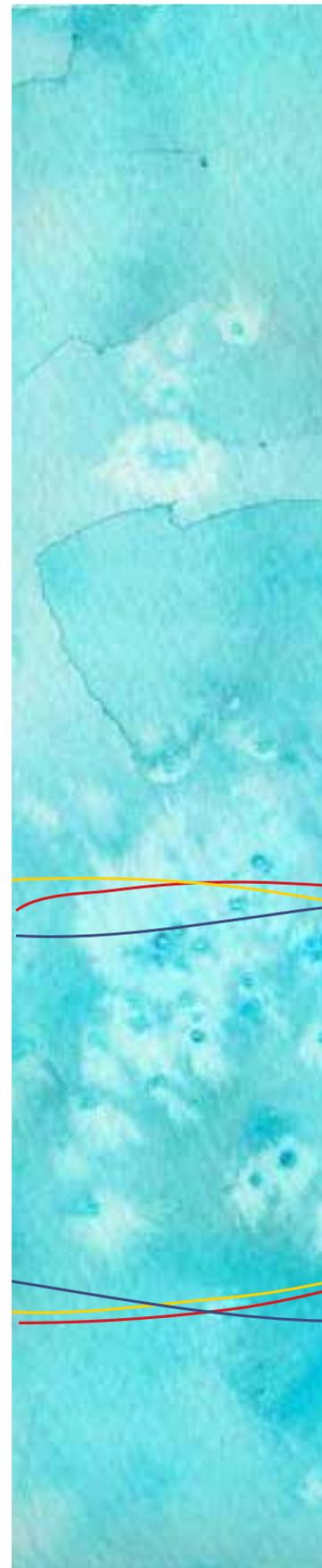
A Festa começou em 1991, com a intenção de arrecadar fundos para a construção da Capela da Igreja Santa Terezinha, no bairro Jardim Maracanã. Antigamente as missas eram realizadas em uma escola. A comemoração ocorre no final do mês de julho, em referência ao dia do Santo, 25 de julho. Os festejos começam no sábado, com a celebração de uma grande missa.

Logo em seguida, as barracas de comida e os brinquedos recebem quem acaba de rezar. No dia seguinte, a festa inicia com a procissão motorizada, às 8 da manhã. A carreta sai do Parque do Lago em direção a Paróquia Santa Teresinha. São oito quilômetros de percurso, passando pela área central da cidade. Na Paróquia os carros de passeio, utilitários, motos e caminhões são abençoados. Após a bênção, há um o tradicional churrasco e o leilão.

O coração do viajante que visita Dourados ao final do mês de julho carrega também uma história de fé.



FESTA DO
SANTO FUJÃO
EM COSTA RICA







Costa Rica, cidade de belas paisagens na região Nordeste de Mato Grosso do Sul, todos os anos homenageia um santo que não queria ficar onde o levavam: o Santo Fujão. A manifestação que mistura fé e folclore foi incorporada à cultura popular. E no começo do mês de agosto a cidade fica em festa para renovar a fé no Senhor Bom Jesus.

A lenda do Santo Fujão deu origem a outras crendices populares. Como a que relata que para resolver o problema das fugas do santo, os devotos decidiram cortar os pés da imagem. Só assim ele ficou em seu novo lar, separado de seus pés para não fugir mais.

A história dessa festa começou em 1838, com a chegada do major Martins de Melo Taques que trouxe sua família de Itu, interior de São Paulo. Nilo Peçanha Coelho Filho é gestor ambiental e mora em Coxim, é descendente dos antigos proprietários das terras onde surgiu a história do Santo Fujão. Ele explica que em sua nova morada dona Ana Fausta Garibaldina de Melo Taques, muito devota, fez uma pequena capela onde colocou imagens de diversos santos.

Com a morte da esposa o major juntou suas coisas e pegou a estrada de volta para São Paulo, mas nunca chegou ao seu destino. No meio do caminho uma forte tempestade veio e um raio matou dois bois, justamente do carro que carregava a imagem do Senhor Bom Jesus. O fato foi entendido como um aviso dos céus e o major decidiu voltar ao povoado e deixar a imagem por lá.

Mas a tradição religiosa da família do major permaneceu com os moradores, que mantiveram o Senhor Bom Jesus em sua capela. Com o tempo os devotos resolveram construir uma nova morada para a imagem do santo. O que eles não contavam era com a vontade dele em permanecer no mesmo lugar. No dia seguinte à mudança para a nova igreja, a surpresa: o Senhor Bom Jesus estava de volta à antiga capela. Os moradores levaram de volta o santo. Mas a imagem de cerca de 1,70 m de altura teimava em reaparecer na capelinha da zona rural.



Hoje, os devotos percorrem em procissão 23 km, da igreja matriz da cidade até a Capela do Senhor Bom Jesus, no distrito de Capela, antiga região de Baús. O topógrafo Castro Maurício Tiago Alves é um deles. Filho de festeiros ele vive a tradição desde pequeno. E acredita no poder da devoção. Ele conta que sofreu de epilepsia desde os 14 anos, e fez uma promessa que se melhorasse caminharia até a capela durante 10 anos (30 Km). Já caminha há 8 anos.

O festeiro tem obrigação de fazer melhorias, pedir doações e organizar a festa para que tudo saia a contento no grande dia. A festa começa no dia 3, com missa e o levantamento de mastro para sinalizar que a comunidade está em festa. No dia seguinte, o santo, que ficou o dia inteiro na igreja, tem sua roupa trocada por homens da comunidade e então é levado para o salão paroquial, onde acontece a missa e inicia-se a procissão.

Na madrugada do terceiro dia começa a caminhada da fé, que percorre o trajeto entre a igreja matriz e a Capela do Senhor Bom Jesus. Uma distância de 23 km que é vencida por mais de 1300 pessoas todos os anos. Devotos que seguem em diferentes grupos rumo ao lugarejo onde a tradição começou. Até o destino final, os caminhantes param em pequenas estações e quem precisa de apoio para recompor as forças encontra o auxílio de enfermeiros ou médicos.

Na chegada os fiéis participam de um café da manhã, seguido de uma missa marcada pelos cantos com ritmos sertanejos. A festa segue durante todo o dia. É assim que a lenda do Santo Fujão alimenta o imaginário de uma comunidade. Um povo alegre e festeiro, unido pela fé e por suas tradições.

FESTA DE NOSSA SENHORA
DOS NAVEGANTES
EM BATAGUASSU







Todos os anos uma festa de devoção une o povo de duas cidades. Gente de dois estados ligados pelas águas dos rios Pardo e Paraná. Nossa Senhora dos Navegantes criou laços entre as comunidades de Bataguassu, no Mato Grosso do Sul, e Presidente Epitácio, em São Paulo.

Nos andores coloridos seguem as imagens santas que atravessam o vai e vem das águas. Mas os fatos que inspiram a manifestação de fé plantada no coração dessa gente vieram de bem longe. Findava o ano de 1944 e os conflitos da segunda guerra mundial ainda aconteciam. Na Itália estava Bento, soldado da Força Expedicionária Brasileira, filho de Joaquim Rodrigues Leite, o seu Quinzinho - um morador do Porto XV de Novembro, no Estado que até então era o velho Mato Grosso.

Seu Quinzinho revelou uma promessa a um grupo que discutia a ideia de criar uma festa religiosa nos moldes da festa da padroeira dos marítimos, realizada em Porto Alegre: construir no povoado uma capela que teria como padroeira Nossa Senhora dos Navegantes, se o seu filho retornasse a Porto VX com vida e saúde.

Com o retorno de Bento, seu Quinzinho cumpriu a promessa. Iniciou a construção da pequena capela de madeira numa área do Serviço de Navegação da Bacia do Prata, em 1947. A imagem da Santa foi trazida do Rio Grande do Sul. O itinerário e os detalhes da festa ficaram acertados entre os moradores de Porto XV e os da cidade paulista de Presidente Epitácio.

Em 2 de fevereiro de 1948 vapores, chatas, balsas e rebocadores ornamentados pelos fiéis cortaram pela primeira vez as águas dos rios Pardo e Paraná, acompanhando a imagem santa. Em terra firme, a padroeira dos marinheiros, viajantes e pescadores foi recebida com festa!

Se nos primeiros anos a alegria e a devoção popular marcaram a festa, por volta de 1950 uma confusão abalou o clima de paz. Um proprietário de terra de Presidente Epitácio havia doado a área onde hoje está localizada a Praça da Criança para a construção da Igreja dos Navegantes. Naquele ano, a população de Porto XV se rebelou e não quis que a imagem deixasse a capela do povoado. O impasse foi vencido com muito diálogo entre representantes das duas comunidades e a imagem permaneceu na igreja de Porto XV.

Mas essa não seria a única dificuldade a ser superada: os moradores de Porto XV tinham um bom motivo pra mudar a data da festa de 02 de fevereiro para 15 de agosto. Fevereiro é mês tradicional de enchentes na região e houve uma festa onde somente um bote com três pessoas fez a travessia!

Porém, a maior mudança ainda estaria por vir. As obras da usina engenheiro Sérgio Mota inundaram Porto XV e um novo distrito de Bataguassu, Nova Porto XV, passou a abrigar os moradores e a tradição da festa de Nossa Senhora dos Navegantes.



Há mais de sessenta anos a festa de Nossa Senhora dos Navegantes faz parte do calendário de comemorações oficiais de Mato Grosso do Sul. Com muito trabalho e alegria, os moradores se envolvem nos preparativos que começam bem antes da festa, que acontece de 6 a 15 de agosto. Além da religiosidade que marca os festejos o povo confraterniza através de comemorações que envolvem a cidade e os moradores da região.

Dias antes da procissão as comemorações da igreja atraem centenas de fiéis. Às oito horas da manhã do dia 15 de agosto a cidade e seus visitantes se unem em uma grande manifestação de fé. Começa a procissão terrestre - da Igreja os devotos seguem até a margem direita do Rio Pardo. Os andores levam imagens de santos e da padroeira que uniu duas cidades. A devoção emociona.

No cais do Porto tem início a procissão fluvial. O colorido das embarcações e dos andores vai cortando as águas do Rio Pardo até alcançar as águas do Rio Paraná. Devotos e imagem desembarcam no Porto de Presidente Epitácio e nas escadarias do cais o padre da paróquia paulista recebe a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes acompanhada por outras imagens. Depois seguem em procissão até uma missa campal.

A festa da padroeira dos navegantes mais uma vez transforma os moradores das duas cidades em irmãos de fé. Após a missa os devotos voltam ao cais do porto, de onde a imagem retorna para o município sul-mato-grossense de Bataguassu. A cidade segue em festa. É assim que todos os anos a protetora dos povos dos mares e dos rios renova a fé dos devotos.

FESTA DO
BON ODORI
EM CAMPO GRANDE







A bordo do navio Kasato Maru, milhares de imigrantes japoneses chegavam ao Brasil no início do século XX. A partir de 1909, trabalhando na construção da linha férrea da Noroeste do Brasil, os primeiros imigrantes chegavam a Campo Grande, cidade que quase sete décadas depois se tornaria a capital de um novo estado - Mato Grosso do Sul.

Os imigrantes, quase 70% originários da ilha de Okinawa, traziam a força de uma cultura milenar - hábitos, alimentação, idioma - raízes que se incorporaram a cultura da cidade e fazem parte da história da jovem Campo Grande, onde está a terceira maior colônia Nikkey do país.

A colônia contribuiu de forma decisiva para consolidar uma das maiores atrações turísticas da capital. A Feira Central nasceu nas ruas, como a maior parte das feiras brasileiras. Mas desde 2004 foi fixada em espaço próprio. Na entrada, os pórticos ressaltam a importância dos imigrantes e seus descendentes na cultura da cidade. E um monumento homenageia o prato típico que conquistou o paladar dos nativos e turistas: o sobá - um macarrão preparado com ovos, tempero verde e caldo, servido em cumbucas de cerâmica.

Entre as tradições japonesas na capital, a do Bon Odori é marcada pela religiosidade. A tradição se repete todos os anos no Japão, sempre nos meses de verão. No Brasil o Bon Odori é comemorado em períodos diferentes, variando conforme a região.

Em Campo Grande a festa que reverencia os espíritos acontece em agosto, mês em que também se comemora o aniversário da cidade. O Bon Odori já faz parte da programação oficial dos festejos.

A tradição budista que celebra a alma dos antepassados leva milhares de campo-grandenses ao clube nipônico.

Três dias de música, dança e culinária, estreitando sentimentos de amizade e respeito entre dois países. Para os integrantes da colônia um reencontro com a espiritualidade dos ancestrais. Para os demais participantes a oportunidade de perceber o quanto uma cultura tão diferente se tornou familiar aos campo-grandenses.

Os festejos do Bon Odori colocam o Japão em solo sul-mato-grossense. As flores da cerejeira, árvore símbolo daquele país, adornam as lanternas que serão colocadas no memorial. As luminárias Chochim dão o ar intimista e colorido. A atmosfera japonesa fica ainda mais realista.

Com o passar do tempo o Bon Odori também se integrou aos costumes de uma plateia mais jovem. Para contemplar a crescente presença dos universitários, a organização do evento abriu espaço para músicas folclóricas de diferentes vertentes, como a eletrônica. Mas o apreço pela tradição continua sendo o grande apelo da festa.

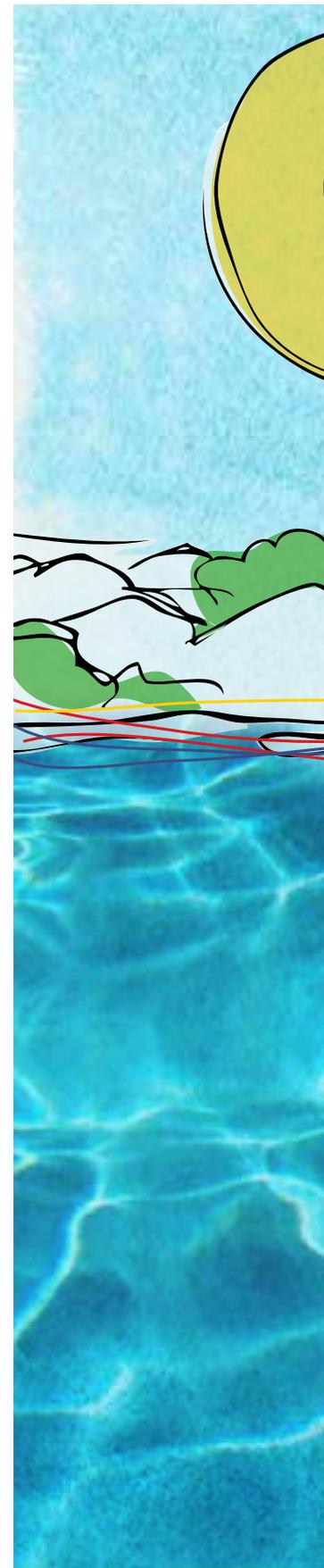


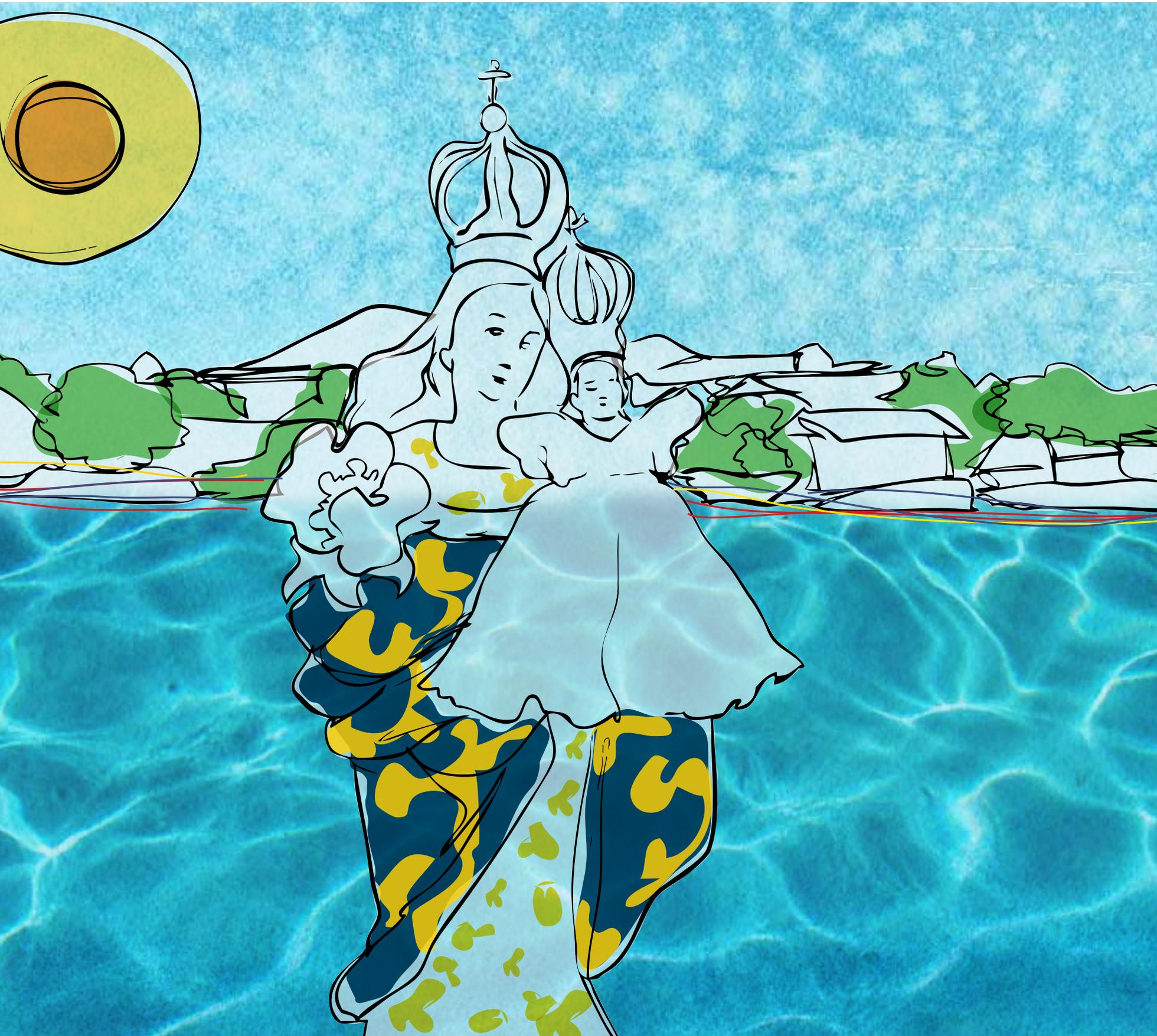
A sonoridade vem dos tambores que, no centro do salão, marcam o ritmo do Tankobushi. As danças relembram as origens do ritual religioso praticado por agricultores do mundo antigo. Em procissão, os trabalhadores pediam a proteção dos deuses às suas plantações. As músicas são originárias das províncias. E os passos lembram os gestuais realizados nas atividades da colheita do arroz, da pesca e da lida na terra.

As marcações vêm do Yagurá - a torre ou pequena torre, onde ficam os mais experientes. Movimentos delicados passados às gerações pelas obassans - as avós japonesas. Na cultura do oriente as mulheres assumem o papel de manter as tradições. Transmitem aos descendentes as informações que mantêm vivos os costumes do seu povo.

É assim que os descendentes da ilha de Okinawa vão cultivando entre a população de Campo Grande a celebração do Bon Odori, atribuída a Mokuren, discípulo de Buda. Após vislumbrar a alma da mãe no reino das trevas, o discípulo pediu a Buda pela sua salvação. Buda reuniu seus monges para que ela renascesse em um mundo de paz. Foi em gratidão que Mokuren iniciou a dança, expressão da alegria e da paz entre a terra e o céu. Manifestação de fé que atravessou oceanos e contribuiu para que os japoneses resistissem ao choque cultural entre povos tão diferentes. Hoje, tão familiares em suas semelhanças.

FESTA DE NOSSA SENHORA
DOS REMÉDIOS
EM LADÁRIO







As águas do Rio Paraguai banham quatro países. E marcam a cultura dos povos ribeirinhos no Pantanal sul-mato-grossense. Essa rota foi estratégica para a entrada de mercadorias europeias no primeiro polo de desenvolvimento da região - a cidade de Corumbá. Mas além de receber e embarcar riquezas, as águas do rio Paraguai também foram porto de chegada de pessoas e tradições.

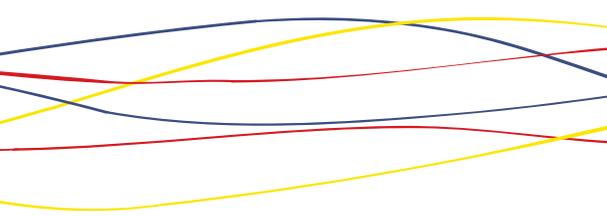
Vizinha a Corumbá, onde está o maior porto do estado e um dos mais importantes do Brasil, fica a cidade de Ladário – uma das mais antigas de Mato Grosso do Sul, fundada em 1778. Com cerca de 20 mil habitantes, a Pérola do Pantanal está situada na maior planície alagável do planeta. O Cristo Redentor, no centro da cidade e uma réplica do Arco do Triunfo chamam a atenção de visitantes do mundo inteiro, atraídos pelas belezas do pantanal. A navegação também determinou a ocupação militar da região, com a base naval. E influenciou a religiosidade do povo de Ladário.

Foi pelas águas do rio Paraguai que chegou a Ladário a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, a padroeira da cidade. A Virgem, consagrada como restauradora dos enfermos, tornou-se relíquia simbólica e patrimônio de fé dos ladarenses.

Em 1878 foi lançada a pedra fundamental do templo e somente 14 anos mais tarde iniciada a sua construção. Com a conclusão do templo, edificado em duas etapas, a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios passou à categoria de paróquia, independente da vizinha Corumbá. O primeiro vigário foi o padre franciscano Eucário Schimidth.

A população passou a organizar romarias e pedir graças à santa, dando origem a uma festa que já completou mais de 120 anos. A Igreja em estilo semigótico, com sua torre majestosa, reúne de 15 a 24 de outubro, peregrinos de várias cidades brasileiras e da Bolívia. Ladário fica em festa. Os visitantes são recebidos com atrações culturais, barracas organizadas pelos fiéis, música e comida. Nas missas, realizadas diariamente, objetos pessoais são benzidos. E a Igreja Matriz, centro de peregrinação que recebeu a consagração de Santuário em 2008, coleciona relatos de milagres atribuídos a nossa Senhora dos Remédios.





A imagem é transportada em uma procissão fluvial. A Virgem segura o menino Jesus com o braço esquerdo e, na mão direita, leva um ramo de bálsamo. Devotos saem da cidade vizinha, seis quilômetros dali, e viajam do Porto Geral de Corumbá ao Porto de Ladário. A romaria vai crescendo a cada ano. Nas embarcações, mais de 250 pessoas acompanham o traslado da santa, que é recebida com uma chuva de pétalas de rosa e depois é levada em procissão até o santuário. No caminho, som dos fogos e o repicar dos sinos. No dia 24, dia da Padroeira, acontece a procissão luminosa.

A devoção à santa também está estampada no brasão do município, onde duas flores-de-lis evidenciam a crença dos ladarenses em Nossa Senhora dos Remédios. Sob o sol quente de Ladário e às margens de um dos mais belos patrimônios naturais da humanidade, Nossa Senhora dos Remédios abençoa um povo humilde e devoto. E zela pela saúde de seus filhos.

**FESTA DE NOSSA SENHORA
DE CAACUPÉ
EM PORTO MURTINHO E PONTA PORÃ**







Um território em que o sotaque das pessoas carrega um forte acento castelhano e ritmos musicais como a polca e a guarânia são predominantes, foi palco do maior conflito internacional armado da América do Sul, a Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai.

Mas o sentimento que une os sul-mato-grossenses aos vizinhos paraguaios é superior à batalha política e geográfica do capítulo mais sangrento da história do Brasil e a proximidade entre os dois povos construiu riquezas maiores que a disputa pela dominação. Na música, na comida e nas tradições. As semelhanças com o país vizinho também permeiam a religiosidade.

Por isso, 8 de dezembro - dia da padroeira do Paraguai - é feriado nas cidades brasileiras da fronteira - motivo de festa e devoção. E as celebrações da Virgem de Caacupé se tornaram uma das mais tradicionais manifestações populares do estado de Mato Grosso do Sul.

Cordilheira dos Altos – Paraguai

A 53 km da capital do Paraguai, Asunción, está Caacupé - uma das mais belas paisagens do país. A basílica da cidade guarda a imagem da Virgem de Caacupé. E a tradição que remonta o surgimento da santa está ligada a um personagem histórico das Américas: um índio e escultor perseguido pelos pagãos da tribo Mbayes que pede proteção de Nossa Senhora da Conceição e se esconde atrás de um tronco. Esculpe duas imagens, alcança a graça e o fato corre o povoado. Depois de uma grande enchente que assola e destrói a aldeia a pequena imagem levada pelas águas volta ao lugarejo. Reconstruído o povoado, a imagem passa a ser cultuada como Nossa Senhora dos Milagres de Caacupé.

A pequena capela onde a imagem foi colocada se modificou com o passar dos anos. Reformas, ampliações e anexos evoluíram para a arquitetura atual do Santuário Mariano. É para lá que seguem milhares de devotos no dia 8 de dezembro.

Na região fronteira estão Pedro Juan Caballero e Ponta Porã. Culturas que se misturam. Demarcado por apenas uma avenida, o limite entre Brasil e Paraguai. Na região - onde a exploração dos ervais dominou um ciclo econômico - a cultura indígena da etnia Guarani consagrou a santa de caacupé “protetora dos ervais”.

Pelas ruas a efervescência do turismo de compras dita o ritmo do comércio. É na cidade que brasileiros e paraguaios celebram juntos La Virgencita de los Milagros. Tradição que ganhou força na segunda metade do século XIX. Foi a primeira padroeira da cidade, substituída em 1943 por Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Mas as novenas, procissões e festividades que misturam o sagrado ao profano continuaram todo dia 8 de dezembro.



Em dezembro de 1995 uma grande imagem da Virgem de Caacupé foi colocada na Ruta V pela devota Teófila de Acevedo, local que se tornou um marco de peregrinação. Dias antes das festividades os paraguaios e brasileiros da fronteira participam de novenas e missas. E na noite do dia 7 realizam uma grande serenata com apresentações folclóricas de dança e música próprias da cultura popular da região. No dia da Virgem de Caacupé os devotos pagam promessas, rezam, compartilham a devoção à virgem e partilham o alimento com almoços e comidas típicas.

Também no Sudoeste de Mato Grosso do Sul, as margens do Rio Paraguai, as culturas fronteiriças se misturam. Do lado paraguaio está Isla Margarita. E no sentido inverso ao movimento que acontece em Ponta Porã, são os paraguaios que adentram o território brasileiro para as comemorações da santa de Caacupé. Do lado brasileiro, grande parte da população de Porto Murtinho é formada por paraguaios ou descendentes.

É no cenário de prédios e casarões históricos de Porto Murtinho que se reafirma a devoção dos sul-mato-grossenses a Nossa Senhora de Caacupé. Os devotos - aqui conhecidos como promesseiros - abrem no penúltimo dia de novembro as comemorações à santa.

Pe. Erasmo Duarte conta a evolução da capela. No começo dos anos 80, a imagem foi entregue à Igreja Matriz para que fosse erguida uma capela para a santa. A primeira foi feita de carandá e em 1985 foi inaugurada uma Capela de Madeira e o bairro passou a chamar-se Nossa Senhora de Caacupé. Só em 1997 a Prefeitura Municipal atendeu ao pedido da população e doou um terreno para a construção da capela em alvenaria, inaugurada em 08 de dezembro de 1999.

Chega o grande dia para os devotos. As promesseiras vão até a Capela, rezam e dançam para a imagem da santa. Depois percorrem as casas dos outros fiéis e comemoram em frente aos andores que seguirão em procissão. No baile das promesseiras os devotos pedem graças e começam a dançar após receber a bênção. Nos cabelos, adereços. Nas mãos, rosários e terços. E os pés descalços simbolizam a humildade frente à Nossa Senhora.

Na rua tomada pela festa os fiéis compartilham pão e participam de um almoço. Há sempre uma iguaria da culinária paraguaia, comum entre sul-mato-grossenses: a sopa paraguaia - uma espécie de bolo salgado feito com milho.

O andor principal se une aos das famílias na concentração na igreja matriz. De lá saem em procissão até a capela Nossa Senhora de Caacupé. É fim de tarde. O belo pôr do sol da região se une ao espetáculo da fé.

Todos os anos é assim. A devoção dos brasileiros à santa padroeira do Paraguai continua abraçando gerações em Isla Margarita, Pedro Juan Caballero, Porto Murtinho e Ponta Porã. E une pela fé dois povos que já foram separados pela guerra e pela história.

